



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo



ANA CAROLINA PIANOVSKI

**COWORKING: ESPAÇO COLABORATIVO
PARA TRABALHO.**

CURITIBA

2017

ANA CAROLINA PIANOVSKI

**COWORKING: ESPAÇO COLABORATIVO PARA
TRABALHO.**

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA059) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADOR(A):

Profa. Dra. Lisana Katia Schmitz

CURITIBA

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador(a):

Examinador(a):

Examinador(a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 20__.

Dedico este trabalho aos meus pais, irmão, namorado e amigos que me apoiaram e me ajudaram na sua realização de diversas maneiras.

*Agradeço aos meus familiares por acreditar no meu sonho.
Agradeço aos amigos que estiveram presentes comigo durante seis anos de curso.
Seu apoio e amizade foram essenciais para essa jornada.
Agradeço aos professores da Universidade Federal do Paraná e da University of
Colorado Boulder pela sua dedicação e empenho em transmitir seus conhecimentos.
Em especial, à Prof^a. Dr^a. Ping Xu pelo carinho e sabedoria compartilhados durante
meu intercâmbio e à minha orientadora Prof^a Dr^a Lisana Katia Schmitz pelo seu
conhecimento e pela confiança, paciência e contribuição para que eu fosse capaz de
desenvolver este trabalho.*

*“Space matters. We read our physical environment like we read a human
face.”*

*“Espaço importa. Nós fazemos uma leitura do nosso ambiente construído
como nós lemos um rosto humano”.*

David Kelley

RESUMO

O presente trabalho surge com o objetivo de fornecer um embasamento teórico para o desenvolvimento de uma proposta arquitetônica de um edifício de *coworking* na cidade de Curitiba. O *coworking* nasce com a demanda de novas gerações de profissionais por mais flexibilidade no trabalho e maior interatividade profissional. Essas características advêm de uma série de mudanças na sociedade como: influência da tecnologia, desenvolvimento da economia criativa e compartilhamento de bens e serviços, terceirização de serviços etc. Um espaço de *coworking* possibilita a colaboração entre profissionais de diversas áreas enquanto agrega tendências atuais como sustentabilidade, identidade e *networking*. A pesquisa exploratória aborda a tipologia *coworking* como espaço de trabalho, seu surgimento na história, características principais, tendências contemporâneas e usuários típicos. Realiza-se também uma análise de correlatos e interpretação do panorama atual da cidade para contribuir com os resultados: partido, diretrizes projetuais, escolha do terreno, programa e pré-dimensionamento. Conclui-se que todas as etapas são importantes e trazem questões fundamentais para formulação de uma base adequada e coerente, a ser utilizada para o desenvolvimento do anteprojeto na próxima etapa deste Trabalho Final de Graduação.

Palavras-chave: Projeto arquitetônico. *Coworking*. Espaço de trabalho. Espaço colaborativo. Escritório.

ABSTRACT

The present work has the goal of providing a theoretical basis for the development of an architectural study for a coworking building in the city of Curitiba, Brazil. Coworking arises from the demand of new generations of professionals for more flexibility and interaction at work. These characteristics come from a series of changes in society, for example: influence of technology, emerging of a collaborative economy, development of sharing of possessions and services, outsourcing etc. A coworking space allows the collaboration between professionals of different industries while integrating present-day tendencies like sustainability, identity and networking. The research focused on coworking typology as a working space, its origin, main features, contemporary tendencies and typical users. A case study of three work spaces and a study of the current scenario of coworking spaces in Curitiba were also made to support the results: concept, definition of program needs and spaces size, site delimitation and project guidelines. As a conclusion, all phases are important and bring fundamental questions to the elaboration of a proper and cohesive basis, to be used in the development of the architectural proposal in the next stage of this graduation project.

Key-words: Architecture. Coworking. Work space. Collaborative space. Office.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIOS DO FINAL DO SÉCULO XIX.	19
FIGURA 2 – INTERIOR DO LARKING BUILDING.....	21
FIGURA 3 – PLANTA DE ESCRITÓRIO PAISAGEM.....	22
FIGURA 4 – INTERIOR DE ESCRITÓRIO NO ESTILO ESCRITÓRIO PAISAGEM.....	22
FIGURA 5 – CENTRAAL BEHEER DE HERMAN HERTZBERGER.....	24
FIGURA 6 – TRABALHO-APRENDIZADO-LAZER TERCEIROS LUGARES.....	28
FIGURA 7 – NET'N'NEST: CITIZEN OFFICE DA VITRA.....	33
FIGURA 8 – QUADRO DO ESPAÇO DE COWORKING MUTINERIE	34
FIGURA 9 – NEX COWORKING.....	41
FIGURA 10 – LOCALIZAÇÃO DO NEX COWORKING.	41
FIGURA 11 – ESPAÇO COLETIVO DO TÉRREO.....	43
FIGURA 12 – COZINHA COMUNITÁRIA.....	43
FIGURA 13 – ÁREA EXTERNA.	44
FIGURA 14 – PLANTA DO TÉRREO.....	44
FIGURA 15 – ESPAÇOS DE USO COMUM E ZONA COLETIVA NO CENTRO AO FUNDO.....	45
FIGURA 16 – ZONA COLETIVA.	45
FIGURA 17 – PLANTA DO PRIMEIRO ANDAR.	46
FIGURA 18 – MEZANINO DO SEGUNDO ANDAR.....	46
FIGURA 19 – ESPAÇOS DE USO COMUM.....	47
FIGURA 20 – PLANTA DO SEGUNDO ANDAR.....	47
FIGURA 21 – CORREDOR DO PRIMEIRO ANDAR.	48
FIGURA 22 – DIVISÓRIAS FRONTAIS DAS ZONAS COLETIVAS.....	49
FIGURA 23 – EDIFÍCIO CORUJAS.	50
FIGURA 24 – LOCALIZAÇÃO DO EDIFÍCIO CORUJAS EM RELAÇÃO AO CENTRO DE SÃO PAULO.....	51
FIGURA 25 – LOTE FINAL DO EDIFÍCIO CORUJAS.	52
FIGURA 26 – PLANTA DO TÉRREO.....	53
FIGURA 27 – VISTA AÉREA E IDENTIFICAÇÃO DE TIPOS DE ESPAÇOS EXTERNOS PRIVATIVOS.	54
FIGURA 28 – ESQUEMA DE SETORIZAÇÃO.	55

FIGURA 29 – PÁTIO CENTRAL E ESTRUTURA PRÉ-FABRICADA.	55
FIGURA 30 – ESQUEMA DE SUSTENTABILIDADE.....	56
FIGURA 31 – FACHADA NOROESTE.....	57
FIGURA 32 – PAISAGISMO INTERNO E SUTILEZAS DO EDIFÍCIO CORUJAS....	58
FIGURA 33 – PERSPECTIVA DA ENTRADA.....	59
FIGURA 34 – LOCALIZAÇÃO APROXIMADA E RELAÇÃO COM MORADIAS.	60
FIGURA 35 – ÁREA COMERCIAL E MESAS DE TRABALHO INDIVIDUAL.....	61
FIGURA 36 – CABINES E MESA COLETIVA AO FUNDO.	62
FIGURA 37 – PLANTA DO TÉRREO.....	62
FIGURA 38 – ESPAÇOS PARA COWORKERS E ÁREA DE CONVIVÊNCIA.	63
FIGURA 39 – SALA DE REUNIÃO E ÁREA DE CONVIVÊNCIA.....	64
FIGURA 40 – PLANTA DO SEGUNDO ANDAR.	64
FIGURA 41 – ESCADA QUE CONECTA O TÉRREO AO SUBSOLO.....	65
FIGURA 42 – ÁREA DE CONVIVÊNCIA, ARQUIBANCADA E ESPAÇO PARA COWORKERS AO FUNDO.....	66
FIGURA 43 – SALA DE REUNIÃO, ÁREA DE CONVIVÊNCIA E ESPAÇO PARA COWORKERS AO FUNDO.....	66
FIGURA 44 – PLANTA DO SUBSOLO.	67
FIGURA 45 – INFOGRÁFICO SOBRE A PROCURA ENTRE 2011 E 2012 E A PARTIR DE 2012.	70
FIGURA 46 – INFOGRÁFICO SOBRE A PROCURA ENTRE 2013 E 2015.....	71
FIGURA 47 – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS ESPAÇOS DE COWORKINGS DE CURITIBA.	72
FIGURA 48 – MAPA DA INFRAESTRUTURA CICLOVIÁRIA DE CURITIBA.	74
FIGURA 49 –TERRENO E BAIRRO NOVO MUNDO EM RELAÇÃO À CURITIBA..	77
FIGURA 50 – VISTA SUPERIOR DO TERRENO SELECIONADO.	78
FIGURA 51 – VISTA NO SENTIDO DE TRÁFEGO DA AV. BRASÍLIA.	79
FIGURA 52 – VISTA NO SENTIDO OPOSTO DA AV. BRASÍLIA.	79
FIGURA 53 – FACHADA.....	80
FIGURA 54 – VISTA DO OUTRO LADO DA AV. BRASÍLIA.....	81
FIGURA 55 – PORÇÃO DA AV. BRASÍLIA.....	82
FIGURA 56 – MAPA COM LOCALIZAÇÃO APROXIMADA DE COMÉRCIOS E SERVIÇOS DO ENTORNO.....	83
FIGURA 57 – MAPA COM AS LINHAS DE ÔNIBUS PRÓXIMAS AO LOCAL.	84

FIGURA 58 – ÁREA COLETIVA DO WEWORK WEIHAI LU.....	86
FIGURA 59 – ORGANOGRAMA.....	89
FIGURA 60 – FACHADA DO UTOPIC_US.....	91
FIGURA 61 – ESCADA DO WEWORK WEIHAI LU.....	91
FIGURA 62 – LOJA DO HUBBA-TO.....	92
FIGURA 63 – ESPAÇO COLETIVO DO DESKOPOLITAN.....	92

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DIFERENÇAS ENTRE OS ESCRITÓRIOS CONVENCIONAIS E OS NOVOS ESPAÇOS DE TRABALHO.....	26
QUADRO 2 – PARÂMETROS CONSTRUTIVOS DO TERRENO ESCOLHIDO.	77
QUADRO 3 – PROGRAMA DE NECESSIDADES COM PRÉ-DIMENSIONAMENTO.	88

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA	14
1.2	OBJETIVOS	15
1.3	JUSTIFICATIVA	15
1.4	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	16
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO	17
2	ESPAÇOS DE TRABALHO E ESPAÇOS DE <i>COWORKING</i>	18
2.1	PRIMEIROS ESPAÇOS DE TRABALHO.....	18
2.2	ESCRITÓRIOS DE PLANTA LIVRE.....	20
2.3	A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA	25
2.4	O <i>COWORKING</i>	27
2.5	O ESPAÇO PARA <i>COWORKING</i>	32
2.6	O PERFIL DO <i>COWORKER</i>	37
2.7	CONCLUSÃO.....	39
3	ESTUDO DE CORRELATOS.....	40
3.1	NEX <i>COWORKING</i> – CURITIBA, BRASIL.....	40
3.2	EDIFÍCIO CORUJAS – SÃO PAULO, BRASIL.....	50
3.3	YUANYANG EXPRESS WE+ <i>COWORKING</i> SPACE.....	59
3.4	CONCLUSÃO.....	68
4	INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE DE CURITIBA	69
4.1	A REALIDADE CURITIBANA	69
4.2	A REGIONAL DO PORTÃO	75
4.3	O TERRENO ESCOLHIDO	76
5	DIRETRIZES PROJETUAIS.....	85
5.1	CONCEITO E PARTIDO	85
5.2	ASPECTOS FUNCIONAIS.....	87
5.3	ASPECTOS FORMAIS.....	90
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS.....	94

1 INTRODUÇÃO

O espaço de trabalho é um local em constante mudança. Ele varia com a dinâmica econômica, com os meios de produção, com a evolução da tecnologia, mas sempre mantém a função de abrigar as necessidades e inter-relações das pessoas que tornar-se-ão usuários dele por um longo período do dia.

O *coworking*, além de abrigar essas funções básicas, procura criar uma comunidade de profissionais que compartilha conhecimentos, recursos, ideias e contatos. Segundo o Coworking Brasil, o sucesso atual dos *coworkings* se deve ao fato de que eles são ambientes inspiradores e democráticos, sem os incômodos de espaços públicos, e com relações sociais, diferentemente de trabalhar em casa.

Os valores principais do *coworking*, de acordo com Butler (2008), são: abertura; comunidade; sustentabilidade; e colaboração. A realização do trabalho individual em si pode ser feita em qualquer local, mas o ato de interagir e compartilhar depende do ambiente.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O tema desta etapa do Trabalho Final de Graduação (TFG) em arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) aborda a tipologia *coworking* como espaço de trabalho. Busca-se através da fundamentação teórica obter os conhecimentos necessários para, na próxima etapa do TFG, elaborar uma proposta arquitetônica de um edifício de *coworking* para a cidade de Curitiba, Paraná. As questões abordadas envolvem desde aspectos históricos, conceituais, tipológicos para então contemplar especificidades como os aspectos funcionais, técnicos e formais desse tipo recente de espaço de trabalho.

1.2 OBJETIVOS

Desenvolver um embasamento teórico de forma a analisar e compreender o tema *coworking*, no intuito de fundamentar diretrizes projetuais para proposta em nível de anteprojeto de um espaço para esse modo de trabalhar.

Foram definidos objetivos específicos a fim de investigar temáticas relacionadas ao *coworking* e ao espaço de trabalho.

- Investigar a evolução dos espaços de trabalho de modo a entender a origem do *coworking*.

- Conceituar *coworking* através da análise da tipologia e tendências contemporâneas. Investigar também o perfil do *coworker* e como este se relaciona com o espaço de trabalho.

- Estabelecer correlações entre o tema e obras contemporâneas nacionais e internacionais através de estudos de caso.

- Traçar o panorama atual da cidade de Curitiba em relação aos espaços de *coworking*.

- Produzir um programa de necessidades e um pré-dimensionamento, com base nos subsídios adquiridos com a pesquisa, e determinar as premissas gerais que guiarão a escolha do terreno e o partido arquitetônico da proposta.

1.3 JUSTIFICATIVA

A crise econômica estabelecida no Brasil desde 2008/9 gerou um grande número de demissões em empresas, aumentando o número de profissionais que optaram por tornar-se autônomos ou *freelancers* de modo a manter o ingresso de renda. A demanda por maior flexibilidade, por espaços de maior diversidade e interatividade profissional, características das novas gerações de trabalhadores, também impulsionaram esse aumento de profissionais autônomos. As relações de dependência entre funcionário e chefe mudaram, assim como o modo de gestão do tempo — o contrato vitalício começa a ser substituído por contratos de serviços e

terceirizações. A nova geração de profissionais busca liberdade, colaboração e o equilíbrio entre a vida privada e a profissional.

Neste sentido, o *coworking* se mostra como o espaço de trabalho capaz de abrigar esse perfil crescente da sociedade. Além disso, a concepção do escritório tradicional demonstra preocupações apenas com a eficiência e a produtividade, levando a pouco conforto para o funcionário, enquanto grande parte dos *coworkings* busca agregar tendências atuais como caráter sustentável, identidade, personalização, *networking* etc.

Além destes pontos, é também relevante considerar uma tendência de mudança na base econômica do país, conforme este se desenvolve em direção à produção criativa de bens intelectuais e no compartilhamento de bens e serviços.

1.4 METODOLOGIA DA PESQUISA

O método de desenvolvimento do trabalho consiste em pesquisa exploratória de caráter teórico-conceitual com base em revisão *web* e bibliográfica. Utiliza-se de fontes textuais — livros, artigos e publicações científicas.

Além disso, para maior consolidação dos conhecimentos, foram realizadas visitas técnicas a alguns espaços de *coworking* de Curitiba e estudo de correlatos nacionais e internacionais. Também servindo de referência na definição de aspectos teóricos, funcionais, técnicos e plásticos para a proposta de anteprojeto.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

De modo geral, esta monografia está estruturada em seis capítulos. No presente capítulo – INTRODUÇÃO – são apresentados a delimitação do tema, os objetivos geral e específicos, a justificativa, a metodologia de pesquisa e a estrutura do trabalho. A partir desses aspectos gerais, delimita-se do capítulo dois para a fundamentação teórica e do terceiro ao quinto para estudo de questões mais relativas ao projeto arquitetônico em si.

No segundo capítulo — ESPAÇOS DE TRABALHO E ESPAÇOS DE *COWORKING* — é abordado e discutido de forma preliminar, um breve histórico da transformação e desenvolvimento dos espaços onde eram desenvolvidas as atividades laborais. Também conceitua-se o tema, explorando suas características, dinâmicas espaciais, princípios, perfis de usuários e tendências futuras.

No terceiro capítulo — ESTUDO DE CORRELATOS — analisam-se três obras correlatas ao tema, nacionais e internacionais, de modo a selecionar aspectos pertinentes que auxiliem no aperfeiçoamento das diretrizes projetuais.

Em seguida, no quarto capítulo — INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE DE CURITIBA — estuda-se o panorama dos *coworkings* na cidade, identificando as potencialidades e fraquezas de Curitiba, em relação ao tema, para a escolha de uma área de intervenção.

No quinto capítulo — DIRETRIZES PROJETUAIS — são definidas as diretrizes básicas que orientarão possíveis partidos arquitetônicos do anteprojeto, junto à elaboração de um programa de necessidades e um pré-dimensionamento.

Por fim, o sexto capítulo contém a conclusão e ao final encontram-se as referências bibliográficas, webgráficas e fontes para as ilustrações utilizadas durante o processo de pesquisa e para a composição deste trabalho.

2 ESPAÇOS DE TRABALHO E ESPAÇOS DE COWORKING

O trabalho é uma atividade tão antiga quanto a humanidade, sendo algo essencial para o funcionamento das sociedades e das comunidades. (FOERTSCH, 2011e). Segundo Cafezeiro (2003), o trabalho é a maneira pela qual o ser humano se apropria e interage com o ambiente ao seu redor. O primeiro modo de trabalho era extrativo da natureza, meramente para a sobrevivência. Depois ele se tornou mais cooperativo, no qual cada pessoa da comunidade tem sua função e os produtos são divididos igualmente. Porém, com o surgimento de domínios e privilégios, a divisão se torna menos igualitária e com isso surgem diferentes tipos de trabalho — e diferentes espaços de trabalho.

2.1 PRIMEIROS ESPAÇOS DE TRABALHO

A produção material se inicia com o processo de manufatura em pequena escala, no qual artesãos produziam seus itens em suas próprias casas ou em ateliês anexos. Segundo Sundstrom (1986), esse primeiro local de trabalho se altera após a Revolução Industrial do final do século XIX, início do século XX, quando a produção é transferida para um local separado da residência: a fábrica, um edifício construído especialmente para a atividade laboral.

As primeiras fábricas eram prédios estreitos de vários andares, pois dependiam da iluminação e ventilação natural através de janelas. Mas logo foram substituídos por edifícios térreos que permitiam o transporte de cargas mais convenientemente e o problema de iluminação foi resolvido através de janelas zenitais. A tecnologia foi um grande facilitador da época, através de inovações como luz elétrica, sistemas de ventilação forçada, sistema construtivo em aço e concreto armado, trouxeram ainda mais possibilidades para a planta das indústrias. A arquitetura desses espaços estava relacionada somente à função, não havia uma expressão de identidade, conforto ambiental, ergonomia básica ou outras preocupações que não fossem a produtividade.

Outra corrente de trabalho, a produção intelectual derivou de outro local: os monastérios da Idade Média, onde os monges materializavam os seus conhecimentos da antiguidade em isolamento através da escrita. (CAGNOL, 2013). Quando a produção intelectual começou a abranger a ciência e o comércio na Renascença, surgem as primeiras formas de escritórios, representadas pelos locais onde os trabalhadores que desenvolviam atividades mais intelectuais estavam: um cômodo da casa, uma mesa numa loja ou mesmo em um local público. (SUNDSTROM, 1986).

Edifícios exclusivamente de escritórios começam a surgir na metade e final do século XIX com a valorização da proximidade com outros negócios e potenciais clientes (FIGURA 1). Eram pequenas salas privadas divididas entre a parte da recepção e a parte do profissional.

FIGURA 1 – EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIOS DO FINAL DO SÉCULO XIX.



FONTE: SUNDSTROM (1986).

Para esse tipo de espaço de trabalho, uma das inovações tecnológicas mais impactantes foi o elevador de passageiros em 1853, invertendo a preferência do piso térreo pelos pisos superiores. A outra foi o uso do aço que permitiu o desenvolvimento dos arranha-céus e das plantas livres. As plantas menos compartimentadas tinham a capacidade de abrigar organizações maiores com várias pessoas, como bancos, agências governamentais etc.

Com essas modificações, tanto para as indústrias quanto para os escritórios, nas palavras de Cagnol (2013, p. 1) “os espaços de trabalho se tornaram mais funcionais, produtivos, e também posteriormente locais de interação e socialização, onde a dimensão do ser humano evoluiu gradativamente.”

2.2 ESCRITÓRIOS DE PLANTA LIVRE

Os primeiros escritórios com planta livre organizavam seus funcionários em fileiras de modo que coubessem mais funcionários em um mesmo espaço e o supervisor em uma posição central conseguisse observar o trabalho de todos. A planta livre permite uma alta eficiência no trabalho burocrático ao retirar as barreiras do fluxo de papel. O arranjo ainda seguia a ideia do Taylorismo no qual as pessoas eram meras unidades de produção e o que importava era a pontualidade, sincronia e hierarquia. O trabalho era desumanizado, conseguia-se mais benefícios, como mais espaço ao seu redor e uma mesa maior, de acordo com o seu status na empresa. Não se levava em conta a comunicação entre pessoas e a satisfação no emprego.

Em 1904, Frank Lloyd Wright projetou o Larkin Building como uma primeira tentativa de humanizar o escritório (FIGURA 2). Um grande átrio conectava visualmente todos os pavimentos e os trabalhadores eram assentados em grupos incentivando o espírito de equipe e trabalho como ato social. (FREDERICK, 2014).

FIGURA 2 – INTERIOR DO LARKING BUILDING.

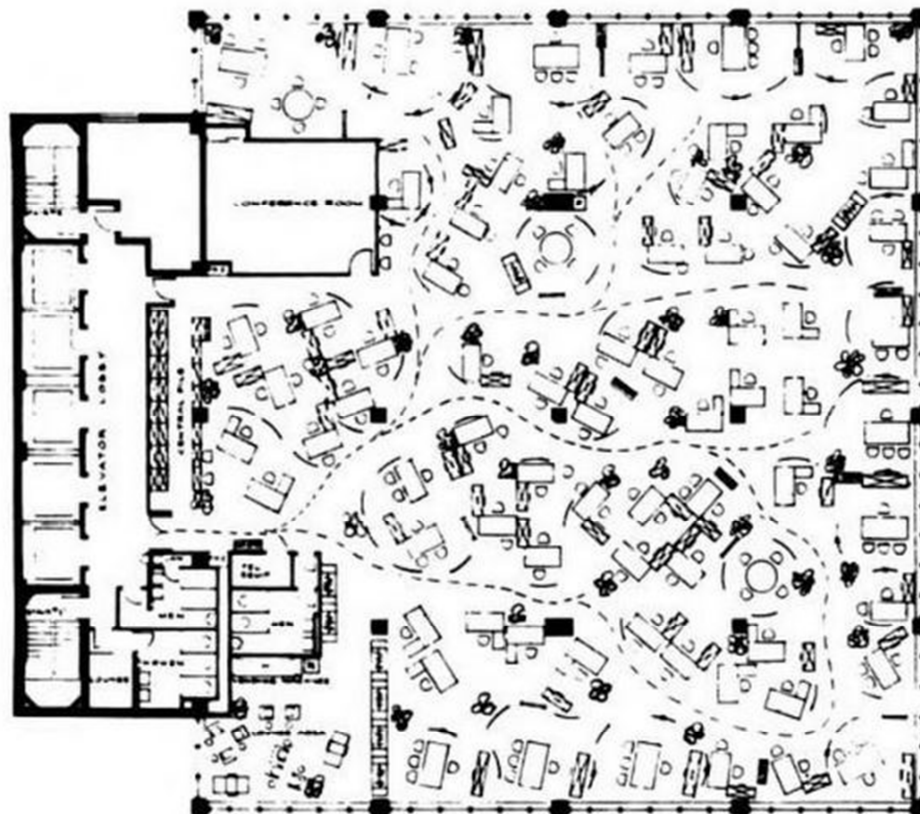


FONTE: DUFFY (1997).

Na década de 50 surgiu na Alemanha o escritório paisagem¹ (FIGURA 3), um tipo de “paisagismo” de escritório que buscava inovar no layout interno dos edifícios indo contra a configuração tradicional de salas privadas e trabalhadores dispostos em linhas. Eberhard & Wolfgang Schnelle prezavam pela libertação do arranjo geométrico, que atrapalhava a comunicação, e pela humanização do espaço com carpete, plantas e áreas de descanso (FIGURA 4). Seu maior ideal era facilitar o fluxo comunicativo através da acessibilidade física dos trabalhadores. (SUNDSTROM, 1986). Enquanto as configurações tradicionais eram compostas de fileiras alinhadas cercadas por salas privadas que priorizavam o status, eles propunham uma disposição aleatória-organizada sem uma imposição hierárquica direta. (PILE, 1984).

¹ Do alemão *Burolandschaft*.

FIGURA 3 – PLANTA DE ESCRITÓRIO PAISAGEM.



FONTE: SUNDSTROM (1986).

FIGURA 4 – INTERIOR DE ESCRITÓRIO NO ESTILO ESCRITÓRIO PAISAGEM.



FONTE: STYLE PARK (2012).

Essa tipologia espalhou-se pelos outros países da Europa e para os Estados Unidos, evoluindo para a *open-plan office*. (CAGNOL, 2013). Esse novo arranjo se tornou muito popular, sendo utilizado na maioria dos arranha-céus corporativos. A privacidade era mantida pelo uso de alguns painéis e divisórias. Pode-se até dizer que os cubículos não foram criados para dar privacidade aos trabalhadores que estavam nos espaços livres, mas para reduzir o espaço daqueles que antes trabalhavam em salas privadas. Porém o excesso de barulho, problemas de acústica e a falta de privacidade fez com que voltasse a necessidade de algumas salas privadas, resultando na combinação de uma área de planta livre com salas privadas ao redor.

Segundo Cagnol (2013), outra crítica existente ao escritório era à sua uniformidade e falta de personalização. Procurando resolver esse problema, em 1974, Herman Hertzberger projeta o Centraal Beheer na Holanda. Um edifício para uma companhia de seguros concebido como uma vila de pequenos espaços funcionais, espaços flexíveis e átrios, onde grupos de dez pessoas possuíam um espaço flexível que se interligava ao espaço dos outros grupos (FIGURA 5). Cada grupo podia decorar e mobiliar como quisesse, dando identidade à sua área de trabalho. Foi considerada a melhor obra de *open-plan office* e se tornou nacionalmente e internacionalmente conhecida.

FIGURA 5 – CENTRAAL BEHEER DE HERMAN HERTZBERGER.



FONTE: DEZEEN (2011).

2.3 A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA

A história recente nos mostra que a velocidade cada vez maior das mudanças desafia constantemente aquilo que parece já estar consolidado. A combinação da pressão internacional e os avanços da tecnologia levaram os negócios a examinarem e mudarem seus conceitos e estruturas organizacionais. No começo da década de 80, a tecnologia móvel e novos equipamentos relacionados a computadores causaram grandes transformações na dinâmica dos escritórios em relação ao uso do tempo e do espaço nos escritórios. Outras mudanças adjuntas a tecnologia são: a liberdade de acesso a dados, fontes abertas, terceirização, horizontalidade e abertura do processo criativo, entre outras.

Entretanto, essa evolução também trouxe problemas: longos cabeamentos, calor excessivo produzido pelas máquinas, complicações ergonômicas causadas por grandes períodos utilizando teclados e monitores, entre outros. A demografia dos escritórios também se transforma, evoluindo da pirâmide hierárquica gerente-empregado para estruturas mais complexas, horizontais e irregulares. Há também uma alteração na proporção de empregados para supervisores e entre tipos de empregados, o que acarreta na modificação do tamanho e perfil dos espaços necessários nas empresas, o quadro 1 apresenta a comparação dos dois tipos de espaços de trabalho. (DUFFY, 1997).

Porém, a maior mudança foi na relação dos funcionários com o escritório. Não era mais necessário que o indivíduo ocupasse a sua mesa durante toda a jornada de trabalho. Com o telefone sem fio, a rede de internet, o computador pessoal e os arquivos digitais, ele podia escolher quando e onde trabalhar. Os escritórios se tornam menores, pois agora não é mais preciso um ponto de trabalho para cada funcionário, múltiplos funcionários podem compartilhar locais, o armazenamento de arquivos não é mais físico, tarefas podem ser terceirizadas e realizadas paralelamente.

QUADRO 1 – DIFERENÇAS ENTRE OS ESCRITÓRIOS CONVENCIONAIS E OS NOVOS ESPAÇOS DE TRABALHO.

	Escritórios convencionais	Novos espaços de trabalho
Padrões de trabalho	Processos de rotina Tarefas individuais Trabalho isolado	Trabalho de conhecimento criativo Grupos, equipes, projetos Trabalho interativo
Padrões de ocupação do espaço no decorrer do tempo	Escritório em localização central no qual os funcionários ocupam mesas definidas em jornadas fixas de trabalho. O escritório pressupõe uma mesa por pessoa; promove uma hierarquia (através da plantas ou compartimentação); e está ocupado normalmente em 70% da sua capacidade total.	Distribuição de locais de trabalho (que podem ser nômades, móveis, no escritório ou em casa) conectados por redes de comunicação na qual indivíduos autônomos trabalham em projetos de equipe. Jornada diária é estendida e irregular. Locais multifuncionais de trabalho são ocupados com base na necessidade. A ocupação diária do espaço é próxima da capacidade máxima.
Tipo do layout, móveis e uso do espaço e edifícios	Hierarquia de espaço e mobiliário relacionada ao status. Alocação individual de espaço predomina sobre espaços de encontro interativos.	Configurações para tarefas individuais e trabalhos compartilhados. Configuração, layout e mobiliário do escritório voltados ao processo de trabalho e suas funções.
Uso da tecnologia de informação	Tecnologia usada para o processamento de dados, terminais em posições fixas.	Foco na mobilidade do equipamento da tecnologia de informação e no uso dele em vários contextos. Tecnologia usada como suporte do trabalho criativo, tanto individual quanto em grupo.

FONTE: DUFFY (1977, P. 58).

NOTA: TRADUÇÃO DOS DADOS PELO AUTOR.

Esses avanços tecnológicos também geram a flexibilização da força de trabalho: trabalho não é mais um lugar para onde você vai, é algo que você faz. E a possibilidade de realizar ele em qualquer lugar se torna ainda mais viável, pois o trabalho não é mais somente manual como nos séculos passados, ele é o conhecimento e as ideias do profissional. (FOERTSCH, 2011e). Outra tendência é existir cada vez mais interação e autonomia entre os trabalhadores, indo em direção a padrões mais colaborativos e comunicativos de trabalho. As barreiras entre pequenas e grandes organizações; chefes e funcionários; atividades centrais e terceirizadas; entre outros, vão se tornando mais permeáveis e menos formais, logo a necessidade por flexibilidade aumenta. (DUFFY, 1997).

Essas tecnologias poderiam ter sido o fim dos escritórios de trabalho, ao prover meios de comunicação acessíveis, práticos e instantâneos em larga escala. Porém, na prática, as relações “cara-a-cara” promovem experiências – e resultados - qualitativamente diferentes daqueles obtidos via e-mail, vídeo-chamada ou chat. Há um elemento insubstituível nas conexões reais entre pessoas - somos, afinal, seres sociais.

2.4 O COWORKING

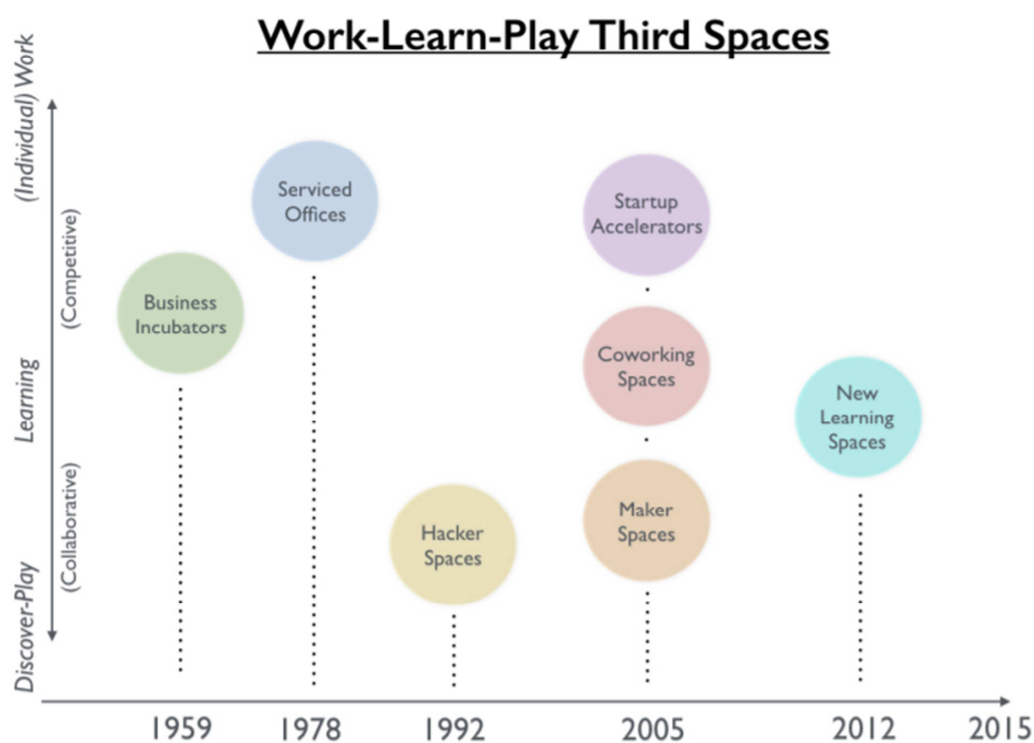
Com o novo contexto social, econômico e tecnológico, as configurações tradicionais tiveram que se adaptar em confronto ao crescimento da internet que ameaçava acabar com as interações reais entre pessoas. Um dos conceitos de espaço criados como forma de persistência dos locais físicos foi o *coworking*. (WATERS-LYNCH et al, 2016).

O termo *coworking* não é recente. Ele pode ser encontrado em publicações que datam a 1628; porém com um significado diferente daquele empregado nos dias de hoje. Nas publicações antigas, ele se referia principalmente ao ato conjunto de Deus e seus representantes. Atualmente ele representa o ato de se trabalhar conjuntamente, mas ainda de modo independente. (FOERTSCH; CAGNOL, 2013).

De acordo com Waters-Lynch et al (2016), os limites das esferas domésticas, produtivas e sociais se tornaram menos definidos nos últimos anos, distanciando-se cada vez mais dos conceitos do sociólogo Ray Oldenburg. Oldenburg caracterizou a

casa como “primeiro lugar”, o local de trabalho como “segundo lugar” e o “terceiro lugar” seria um espaço informal e acessível de atmosfera sociável e inclusiva, onde pessoas sem relações prévias entre elas se relacionavam e criavam a base da comunidade e da cultura democrática. Com essa suavização das barreiras das esferas, surgem espaços para a produção de trabalho junto às interações sociais informais, nos quais profissionais independentes colaboram entre si e dividem o mesmo local de trabalho. Esses novos espaços foram nomeados como *work-learn-play third spaces* — trabalho-aprendizado-lazer terceiros lugares (FIGURA 6).

FIGURA 6 – TRABALHO-APRENDIZADO-LAZER TERCEIROS LUGARES.



FONTE: WATERS-LYNCH ET AL (2016).

O conceito de locais com compartilhamento de recursos existe desde a década de 1960 com os *serviced offices*, escritórios flexíveis e financeiramente acessíveis que forneciam serviços de impressão, cozinha, manutenção, limpeza e utilidades em gerais. Porém, diferentemente dos *coworkings* atuais, os *serviced*

offices tinham um perfil de usuário diferente, não focavam em relações sociais, nem na fuga da estética padronizada do espaço corporativo. (WATERS-LYNCH et al, 2016).

Pode-se dizer que os primeiros protótipos de espaços de coworking foram os *Hackerspaces*. Fundados na década de 90, eram locais com redes de internet sem fio oferecidas gratuitamente ao público para encontros casuais e para trabalho, conforme artigo de Foertsch e Cagnol (2013). Os *Maker spaces* surgem em 2005 com os movimentos de fabricação pessoal e ênfase na manipulação e criação do material. Esses locais contavam com espaços comunitários para novas tecnologia de fabricação, escaneamento e impressão 3D. No entanto, ambos os *hackerspaces* e os *maker spaces* focavam em indivíduos interessados em ciência, máquinas e áreas da tecnologia. (RUS, A.; OREL, M. 2015).

O primeiro *coworking* oficial abriu em 2005 na cidade de São Francisco nos Estados Unidos: o programador Brad Neuberg organizou uma cooperativa sem fins lucrativos que oferecia internet sem fio gratuita, almoços comunitários, pausas para meditação, massagens, passeios de bicicleta e horário de fechamento exatamente às 17:45. Era uma reação aos centros empresariais antipáticos e a improdutividade do trabalho em casa.

Mas é com a crise financeira global de 2008 que ocorre a maior manifestação do *coworking*, agindo como o principal catalisador para um novo pensamento coletivo e a participação colaborativa. O poder de compra da população decaiu, uma parcela da população passa por demissões e grande parte perde a confiança nas grandes corporações, empresas e governos. Por conseguinte, a atenção das pessoas se volta para valores e atitudes mais coletivas. A economia colaborativa vem como um modo de economizar recursos, reduzindo gastos e consumos desnecessários, e aumentando o ganho monetário de maneiras socialmente sustentáveis. Esta já apresenta hoje um impacto significativo em várias áreas da economia, como na hoteleira e na de serviços de transporte.(CASHMAN, 2012).

É nesse cenário que o *coworking* se desenvolve - da necessidade de um grupo emergente de profissionais independentes em busca de um espaço estimulante, flexível, acessível financeiramente, sem hierarquia, concorrências e

políticas, onde todos podem trabalhar juntos, para clientes diferentes e compartilhando experiências.

Um dos motivos mais frequentes para os *coworkers* optarem por trabalhar nos espaços de *coworking* é separar o trabalho da vida pessoal. Ao trabalhar em suas casas, encontram muitas distrações e não estabelecem relações sociais e/ou de trabalho com outras pessoas. No *coworking* eles têm a oportunidade de aumentar a sua produtividade, seu *networking*² e sua base de clientes. Os novos membros podem vir também de escritórios convencionais, segundo Foertsch (2012b). Nessa situação, eles se sentem mais realizados nos espaços de *coworking* ao poderem escolher seu local e horário de trabalho, além das pessoas com que vão se relacionar, de modo voluntário e flexível. Em ambos os casos há um ganho na saúde física e mental dos profissionais, ao serem criadas relações sociais mais saudáveis, em espaços geralmente mais próximos ao local de moradia e com menos geradores de estresses.

As pessoas também buscam no *coworking* uma comunidade que tenha abertura a novas ideias, ao compartilhamento e à colaboração, mas onde ainda se mantenha a independência do indivíduo. O senso de comunidade surge a partir do convívio em um local equilibrado, onde exista confiança, compartilhem-se recursos e serviços, e desenvolvam-se novas ideias, perspectivas e habilidades conjuntamente. A comunidade torna-se ainda mais rica e inovadora quando pessoas de diferentes profissões complementam essa rede de conhecimento, contatos, suporte e inspiração.

O *coworking* funciona através de uma economia de troca. Essa troca não é financeira, não tem valor fixo, não precisa ser imediata, e nem pelos mesmos serviços. Uma pessoa oferece suas habilidades e conhecimentos às outras em troca de ajuda, feedback, contatos e benefícios mútuos. Sem reciprocidade, as relações no *coworking* não funcionam e são menos efetivas. (FOERTSCH, 2011e). Além da reciprocidade, outras características da colaboração criativa e da cultura do compartilhamento são a solidariedade e o comprometimento em ceder tempo e

² Networking é um termo em inglês que indica o estabelecimento de uma rede de contatos ou relacionamentos, normalmente profissionais e que ajudam no desenvolvimento da carreira.

recursos — para ajudar os colegas a resolver problemas e para sustentar a comunidade. (RUS, A.; OREL, M., 2015).

Outra predisposição dos *coworkings* é abranger sustentabilidade. Sustentabilidade no sentido de sustentar, fornecer suporte, enriquecer e contribuir com a comunidade. Assim como: continuar e manter um recurso, no caso a comunidade, por um período de tempo sem que ele acabe ou seja danificado.

Conforme Rus e Orel (2015), o *coworking* busca juntar a sensação de comunidade, antes pertencente somente ao domínio da vida privada, através do suporte emocional e retiro confortável, e a modificação necessária dos locais de trabalho burocráticos e rígidos que bloqueavam a inovação e a criatividade. Como resultado surge um espaço que integra em vez de segregar dentro da sociedade racional e competitiva.

Não existe um conceito exato que defina o que é o espaço de *coworking*. Para Pohler (2011), existem várias características que se aplicam ao tema em geral, mas que não são necessariamente verdades para todos os espaços de *coworking*, como: 1) Espaços de *coworking* são fundados por grupos de pessoas que compartilham interesses em criar um espaço que combine da melhor maneira o espaço de trabalho convencional com um café; 2) São para *freelancers* independentes; 3) Os membros trabalham em diferentes áreas de formação; 4) São abertos para visitantes e usuários de um dia; e 5) Possuem eventos para os membros e não-membros. Assim, Pohler define de modo mais abrangente que espaços de *coworking* são

[...] o resultado da busca por estratégias para lidar com os riscos e problemas dos novos, flexíveis tipos de trabalho. Assim, a característica marcante é quem e quais necessidades os espaços de *coworking* estão servindo. Logo, na minha opinião, isto é um espaço de *coworking*: todo espaço de trabalho com estrutura flexíveis pensado para e por pessoas com novos e atípicos tipos de trabalho — que não são exclusivos para pessoas de uma certa companhia. (POHLER, 2011, não p.).

O *coworking* difundiu-se para todos os continentes e todos os tipos de economias, incluindo países emergentes como o Brasil. Está presente no país desde 2007 e no censo de Coworking realizado pelos websites Deskwanted e Coworking Directory, em 2013, o Brasil contava com 95 espaços de *coworking* em doze

idades. Segundo o Censo Coworking Brasil, em 2015 esse número aumentou para 238 espaços ativos, e em 2016, para 378 em 26 cidades. Portanto, o crescimento dos espaços de *coworking* é um fenômeno ainda atual e que tende a continuar ocorrendo pelos próximos anos no mercado dinâmico brasileiro.

De acordo com artigo de Foertsch (2011d), o futuro dos espaços de *coworking* é ter uma variedade cada vez maior. Vão existir grandes e pequenos, em cidades grandes e pequenas, com focos específicos ou não, com uma rede extensa de laços fracos ou uma comunidade pequena de laços fortes. Outra tendência é a difusão das franquias de espaços de *coworkings* e do *coworking* como estilo de trabalho, no qual o trabalho é colaborativo, cooperativo, multifuncional, multiorganizacional e centrado em projetos e não em departamentos ou companhias. As empresas vão passar a adotar esse estilo para aumentar a produtividade e o engajamento dos funcionários e outros tipos de locais vão passar a oferecer espaços no estilo *coworking*.

Conforme Cashman (2012), com a disseminação dos espaços de *coworking*, outra possibilidade para esses locais de trabalho é criar uma comunidade de comunidades que tenha como objetivo exportar talentos, conhecimento e inovações.

2.5 O ESPAÇO PARA COWORKING

Os espaços para *coworking* possuem como tendência de projeto uma ênfase em combinar trabalho e lazer. Essa mistura surge como meio de crítica às organizações tradicionais e burocráticas, as quais representavam exatamente o oposto os desejos e vontades dos futuros *coworkers*, uma estética de rigidez, rotina, hierarquia e imposição. Logo, a cultura do *coworking* busca o trabalho criativo, novidade e eventualidade, e como resultado surgem espaços divertidos, abertos, com layouts flexíveis que mudam sem previsão e uma identidade visual bem forte — esta característica relacionada às indústrias criativas. (WATERS-LYNCH et al, 2016).

Em 2008, a empresa Vitra lança o conceito “Net’n’Nest”, em tradução literal “rede e ninho” (FIGURA 7). A ideia ia além de prover aspectos de “lar” para o design do escritório, através deles procurava-se criar espaços que suprissem as

necessidades de individualidade, privacidade e retiro dos funcionários dentro de um grande espaço projetado para colaboração e comunicação. Os novos lugares, salas de estar e lounges tranquilos, convidavam para reuniões informais, trabalho individual concentrado ou alguns minutos de relaxamento. (REMMELE, 2012).

FIGURA 7 – NET'N'NEST: CITIZEN OFFICE DA VITRA.



FONTE: LEONETTI PIEMONTE ARQUITETURA (2015).

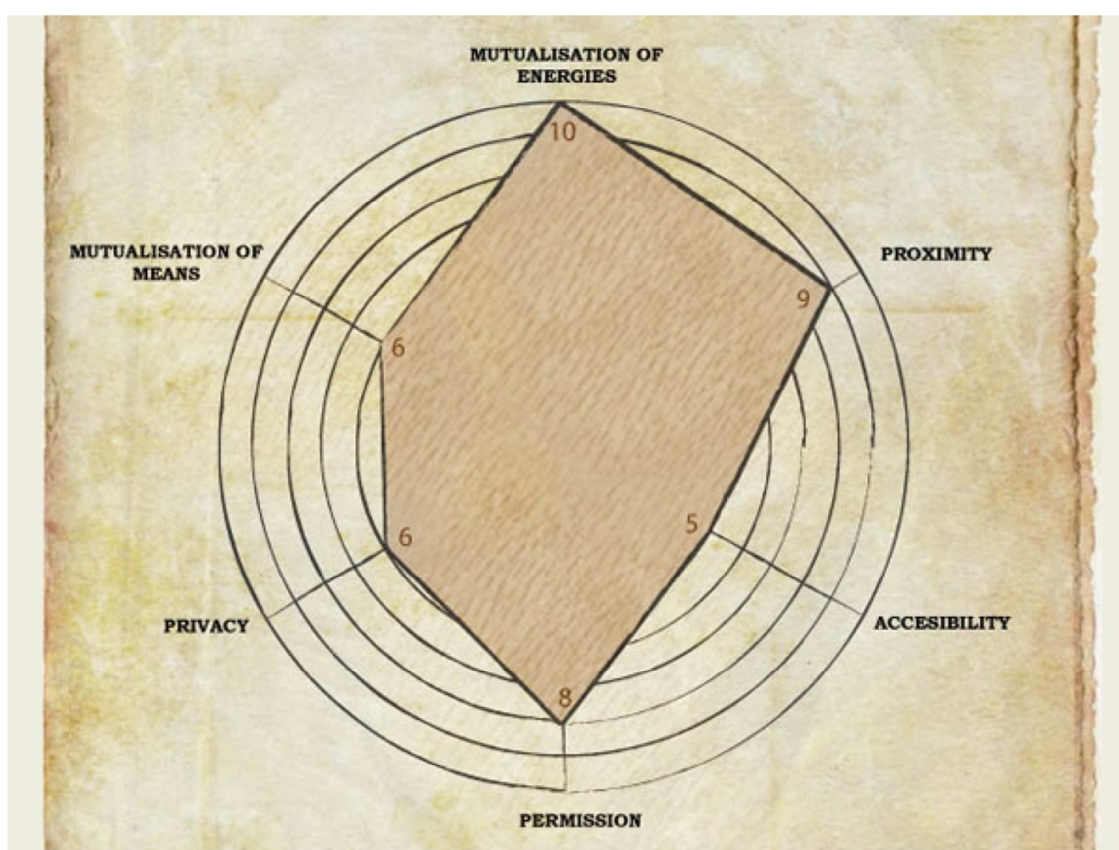
Conforme Remmele (2012), os trabalhadores atuais demandam por controle de suas vidas, incluindo a escolha do local de trabalho e o design do ambiente em que estão inseridos. Essa necessidade leva a criação de escritórios inspiradores e excitantes.

Segundo Duffy (1997, p. 50), para o pesquisador de Modelos de Sistemas, Peter Senge “o espaço deve ser organizado para promover conversa e maximizar o aprendizado através da provisão de oportunidades para muito mais interações frente a frente.” Essa definição combina com *coworking*, pois o espaço de *coworking* é a materialização da tecnologia das redes sociais. Ele coloca dentro de um mesmo espaço: amigos, colegas e conhecidos, e através do *networking* expande essa rede social para além do espaço físico. Além disso, ele busca esse compartilhamento do

conhecimento entre pessoas. Para Fayard e Weeks (2011), os encontros aleatórios no espaço de trabalho geram mais cooperação e inovação. Mas a qualidade da interação depende de três fatores: proximidade, privacidade e permissão. Os melhores espaços agregam pessoas que têm permissão para falar livremente e privacidade para não serem interrompidas.

William van den Broek (2012), *coworker* do espaço Mutinerie em Paris, criou um quadro das necessidades de um espaço de *coworking* com base no local onde trabalha, estudos sobre o tema e eventos. Nesse artigo ele apresenta: acessibilidade, compartilhamento de recursos, compartilhamento de energia, proximidade, permissão e privacidade, como os pontos mais importantes. Cada ponto possui dez perguntas específicas e o resultado delas forma o quadro (FIGURA 8).

FIGURA 8 – QUADRO DO ESPAÇO DE COWORKING MUTINERIE.



FONTE: WILLIAM VAN DEN BROEK (2012).

Nota: do ponto superior, em sentido horário: 1) Compartilhamento de energia; 2) Proximidade; 3) Acessibilidade; 4) Permissão; 5) Privacidade; e 6) Compartilhamento de recursos.

Acessibilidade se refere a proximidade geográfica do espaço de *coworking* à moradia do *coworker* e a cafés, restaurantes e transporte público, mas também se refere a planos de contrato, horários de funcionamento, abertura à não-membros e possibilidade de ter chaves pessoais. Muitos espaços de *coworking* oferecem a opção de alugar mesas que se tornam exclusivas àquele *coworker*, mas também existem muitos que oferecem a opção de planos diários ou por hora, no qual o *coworker* trabalha em uma área comum por uma taxa mais baixa ou de graça. A acessibilidade influencia diretamente na privacidade. (VAN DEN BROEK, 2012).

A variedade de recursos que podem ser compartilhadas em um local de *coworking* é imensa, pode ser desde uma cadeira, uma máquina de café e um quadro branco até elementos mais sofisticados, como laboratórios de fabricação 3D e equipamentos audiovisuais. O espaço deve fornecer o que o perfil do seu *coworker* necessita, mas cuidando para não se especializar demais de modo a não diminuir a abertura e a diversidade de profissões — aspecto relevante do *coworking*.

O compartilhamento de energia também é muito significativo para essa tipologia. O projeto deve ser pensado de modo a criar dinâmicas entre os *coworkers*, oferecendo auditórios e espaços de evento, encontro, apresentação e reunião. Levemente similar ao compartilhamento, a proximidade está relacionada ao nível de confiança entre profissionais e o engajamento deles com a comunidade. No que diz respeito ao espaço, a proximidade pede por espaços de lazer e convívio para que a intimidade entre todos membros aumente. (VAN DEN BROEK, 2012). Para maximizar a proximidade não se deve pensar só nos atributos físicos, mas também nos sociais e psicológicos que influenciam nos trajetos diários dos trabalhadores no espaço. (FAYARD; WEEKS, 2011).

Ainda conforme Van den Broek (2012), permissão é a liberdade com que as pessoas tem de customizar e personalizar o espaço, propor novas ideias e convidar novos membros. Espaços permissivos são multifuncionais e flexíveis de modo a fornecer suporte para a criatividade, colaboração e inovação. E privacidade dentro do espaço, além da segurança e confidencialidade, é a possibilidade de se isolar da comunidade quando necessário através de lugares enclausurados e mais quietos. Para Fayard e Weeks (2011), a visibilidade e a acústica influenciam na privacidade e

o espaço ideal deve ser aberto o suficiente para interações informais, mas fornecer meios de privar conversas confidenciais e de evitar a passagem por esses locais.

Entre as críticas mais frequentes ao *coworking* estão o barulho excessivo e a falta de privacidade. Porém, em um local em que se preza a abertura e a troca de informações, essas situações podem ocorrer e ser consideradas problemas para alguns usuários. A maioria dos criadores de espaços de *coworking* afirma que existe um perfil de pessoas com maior tendência de se adequar ao estilo *coworking*.

De acordo com Foertsch (2011c), *coworkers* em pequenos *coworkings* tem conexões mais fortes com seus colegas do que aqueles em *coworkings* maiores, porém sua rede de contatos é menos extensa. O que leva à questão de qual seria o tamanho ideal de um espaço de *coworking*. Foerstch compara essa diferença nos benefícios relativos ao tamanho dos espaços com a teoria do sociólogo Mark Granovetter na qual um laço é definido através da combinação da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade e serviços recíprocos. (GRANOVETTER, 1973).

Granovetter (1973) também afirma que informação é mais facilmente transmitida para mais pessoas por laços fracos do que fortes, pois indivíduos com laços fortes tendem a ter os mesmos elos e transmitir a informação para as mesmas pessoas. Logo, para um *coworker* em busca de divulgar seu trabalho, uma rede mais extensa de laços fracos é a mais adequada. A mesma situação ocorre para o recebimento de informação: um indivíduo de laço fraco tem contato com círculos sociais diferentes e pode trazer novas informações e oportunidades. Já os grupos de laços fortes ajudam na identificação com o grupo e na tomada de decisões pela confiança e credibilidade existente entre eles.

Uma das características mais marcantes do *coworking* é que o programa contenha espaços, *workshops* e eventos para interação da comunidade e *networking* - como cozinhas coletivas para almoços, pequenos auditórios, encontros etc. Desse modo os *coworkers* se encontram e interagem não somente em discussões estritamente profissionais e nem apenas com os outros membros; mas também para conversas casuais e com pessoas da sociedade, aumentando ainda mais a rede de laços fracos.

Como conclusão, Foertsch (2011c) alega que um espaço pequeno promove mais conforto e um compartilhamento de valores similares, enquanto um espaço maior promove uma rede de profissionais mais diversa de experiências e formações. Assim, o espaço ideal deve se basear em ambos os tipos de laços — fracos e fortes.

Ademais, é interessante observar a tendência de evolução de vários espaços de *coworkings* em oferecer mais de um tipo de espaço de trabalho, ou seja, uma combinação de áreas livres sem divisão, mesas individuais, mesas coletivas, salas privadas, entre outros. Essa evolução surge com o aumento e a diversificação da base de usuários que demandam diferentes opções. Devido à popularização do *coworking*, o modelo híbrido se torna mais adequado em vista que ele fornece aos membros a possibilidade de escolha do tipo de espaço mais conveniente e apropriado para eles, e também permite aumentar ou reduzir suas equipes. (EGAN, 2013).

2.6 O PERFIL DO COWORKER

Segundo pesquisas realizadas pela revista online Deskmag³ em 2011 e 2012 com *coworkers* de dezenas de países, a maior parte dos *coworkers* são profissionais da área de indústria criativa e novas mídias entre vinte e poucos anos até final dos trinta, tendo em média trinta e quatro anos. Também se encontram nos *coworkings*: jornalistas, escritores, profissionais de marketing e publicidade e propaganda, arquitetos e artistas. Um pouco mais da metade trabalha como *freelancer* e quase 20% dos entrevistados emprega outras pessoas. No Brasil, segundo o Censo Coworking de 2016, a maior porcentagem de *coworkers* são de áreas de consultoria.

Outras características marcantes são a frequência com que *coworkers* viajam para outras cidades – metade dos entrevistados viajam para três ou quatro cidades por ano, a proximidade com o local de trabalho – 50% mora num raio de cinco quilômetros – e que mais de 50%, antes de trabalhar em um *coworking*, trabalhavam em casa. (FOERTSCH, 2011a, 2012a).

³ Deskmag é uma revista online sobre *coworking* e espaços de *coworking*: como eles são, funcionam, podem melhorar e como as pessoas trabalham neles.

A maioria realiza projetos de duração curta entre algumas semanas e um mês, e trabalham de 3 a 4 vezes no *coworking* em si. Em relação à escolaridade, 75% possuem ensino superior. (FOERTSCH, 2011a, 2012a).

O *coworker* desenvolve no espaço de trabalho relações sociais que têm efeitos positivos no próprio trabalho. Existe a troca de conhecimento, de oportunidades, de contatos e a interação diária. Muitos se sentem mais motivados, têm melhores interações com outras pessoas e trabalham mais frequentemente em grupos após começarem a trabalhar em um *coworking*.

Em relação ao espaço de trabalho em si, os trabalhadores afirmaram que preferem locais pequenos, interativos, com horários flexíveis, acesso ilimitado e próximos a locais de interesse como restaurantes, praças, supermercados e farmácias. O tópico de layout e design da área de trabalho foi considerado o mais importante - o ideal é a combinação de salas privativas com áreas mais livres, sem a obrigatoriedade de mesas de trabalho fixas definidas para cada pessoa. (FOERTSCH, 2011b).

A realidade brasileira do perfil dos *coworkers* se mostrou muito similar à mundial através da pesquisa realizada pelo website Movebla em 2013. A maioria dos adeptos também são jovens empreendedores ou *freelancers* com ensino superior completo, que trabalhavam em casa anteriormente, que desejam horários flexíveis e que preferem um local de trabalho mais próximo de suas residências. (ORLANDI, 2013)

2.7 CONCLUSÃO

O *coworking* é originário dos espaços de trabalho de produção intelectual e só se tornou possível a partir do momento em que os avanços tecnológicos viabilizaram que o ato de trabalhar ocorresse em locais remotos através da rede de internet, mobilidade e arquivos digitais. Assim, profissionais puderam começar a trabalhar de forma mais independente em locais de sua escolha. Outro fato importante é o paradoxo em que primeiramente o *coworking* foi pensado como uma crítica à dinâmica econômica atual das grandes empresas burocráticas e hierárquicas, mas com a crise econômica, ele acabou sendo visto como uma das soluções para os trabalhadores por ser financeiramente acessível e teve um grande desenvolvimento nesse período.

Deve-se dar uma grande importância também a localização do espaço de *coworking* e a sua configuração interna. Os *coworkers* possuem uma demanda em relação a cidade e o ambiente em que estão inseridos vai delimitar e definir suas relações e o modo como interagem e trabalham.

3 ESTUDO DE CORRELATOS

Os objetivos da análise de estudos de correlatos são estudar como foram resolvidos edifícios de *coworking* em outras situações, em relação a conceito, partido e inserção no entorno; e exemplificar aspectos estéticos, formais, funcionais e programáticos dessa tipologia.

Foram estudadas as obras: Nex Coworking em Curitiba, Brasil; Edifício Corujas em São Paulo, Brasil; e Yuanyang Express We+ Coworking Space. Cada um dos edifícios foi escolhido devido às suas características únicas que contribuem para o desenvolvimento da proposta de um Edifício de Coworking na segunda etapa deste TFG. A primeira obra analisada foi o Nex Coworking, localizada em Curitiba. Foi escolhida por apresentar um maior porte e uma interessante conexão visual entre os espaços. A segunda obra escolhida, de nível nacional, foi escolhida devido à relevância da escolha do terreno e suas relações entre áreas abertas e fechadas e entre áreas privativas e públicas. Já a terceira se localiza na China e apresenta uma grande qualidade espacial com o uso de cores e mobiliário simples, além de uma variedade e integração de espaços.

3.1 NEX COWORKING – CURITIBA, BRASIL.

Fundado em 2011, o Nex Coworking teve sua primeira sede no bairro Centro de Curitiba, mas com o crescimento da sua base de membros e da demanda optou pela mudança para um local de maior porte. A nova sede de 1.700m² foi aberta em 2014 e localiza-se na Rua Francisco Rocha, 198 no bairro Batel.

Decidiu-se por implantar a nova sede em um Edifício de Interesse ao Patrimônio Histórico de Curitiba — o prédio da Sociedade Beneficente dos Operários do Batel (FIGURA 9) — devido à sua excelente localização em um bairro central, consolidado e de grande poder aquisitivo; e também aos grandes vãos livres da construção, propícios à tipologia que seria ali inserida. O terreno encontra-se em localização privilegiada — próximo ao centro da cidade, entre duas importantes vias: a Avenida Sete de Setembro, que é um grande eixo de transporte coletivo e possui

diversos tipos de comércios e serviços; e a Avenida do Batel, que abriga o shopping Pátio Batel, vários restaurantes e farmácias (FIGURA 10).

FIGURA 9 – NEX COWORKING.



FONTE: COWORKING BRASIL (2017).

FIGURA 10 – LOCALIZAÇÃO DO NEX COWORKING.



FONTE: ADAPTADO DE GOOGLE MAPS (2017).

O projeto de restauro do imóvel foi de responsabilidade de Marco Aurélio Ruaro e teve um investimento de mais de R\$2,5 milhões. Já os projetos de arquitetura de interiores, iluminação e paisagismo foram realizados pelo escritório iS Arquitetura. Os estudos de viabilidade, projetos civil e complementares foram feitos pelos arquitetos Ileon de Mello e Ademar Stofela Junior.

A equipe de arquitetos procurou fazer poucas modificações na parte estrutural do edifício, limitando-se a um aprimoramento das estruturas sanitárias, reforço da rede elétrica, criação de um acesso lateral para pessoas com necessidades especiais e a previsão de implantação de um elevador para deslocamentos verticais.

O partido arquitetônico é claro: oferecer uma ótima estrutura de trabalho e promover a colaboração entre *coworkers*. Para isso o local possui capacidade aproximada de 200 profissionais, divididos em 74 postos de trabalho na área livre coletiva e 41 estúdios privativos (duas a dez pessoas). Também fornece cabines telefônicas, cozinha comunitária, seis salas de reunião, sala de reunião pequena, área de lazer e espaço para eventos de até 60 pessoas. Outras facilidades são o acesso 24 horas, café aberto ao público e estacionamento anexo, terceirizado.

Basicamente os estúdios se localizam no perímetro do espaço, as zonas coletivas de trabalho no centro e áreas de serviço como cozinhas e banheiros se encontram nos fundos em relação à entrada principal.

Para promover mais conexão entre os profissionais não foram erguidas paredes de alvenaria nas áreas de trabalho. O fechamento dos estúdios é feito somente por divisórias de vidro que os separam do grande ambiente de planta livre e fornecem um certo nível de privacidade, mas não acabam com a relação visual entre espaços e pessoas. O piso de madeira traz a sensação de conforto à estética mais industrial e simples do espaço. O uso das cores segue a identidade visual da empresa — amarelo e preto — e se encontra em detalhes do mobiliário e da arquitetura de interiores.

O térreo apresenta a recepção, o café, duas salas de reunião, treze estúdios privativos, uma área comum para resolução de assuntos rápidos, uma zona coletiva de trabalho e instalações sanitárias. É também neste piso onde encontramos a área de convivência, conjunta a uma cozinha comunitária e com conexão a um espaço externo de deque de madeira. (FIGURAS 11 a 14)

FIGURA 11 – ESPAÇO COLETIVO DO TÉRREO.



FONTE: EDUARDO MACARIOS (2014).

FIGURA 12 – COZINHA COMUNITÁRIA.



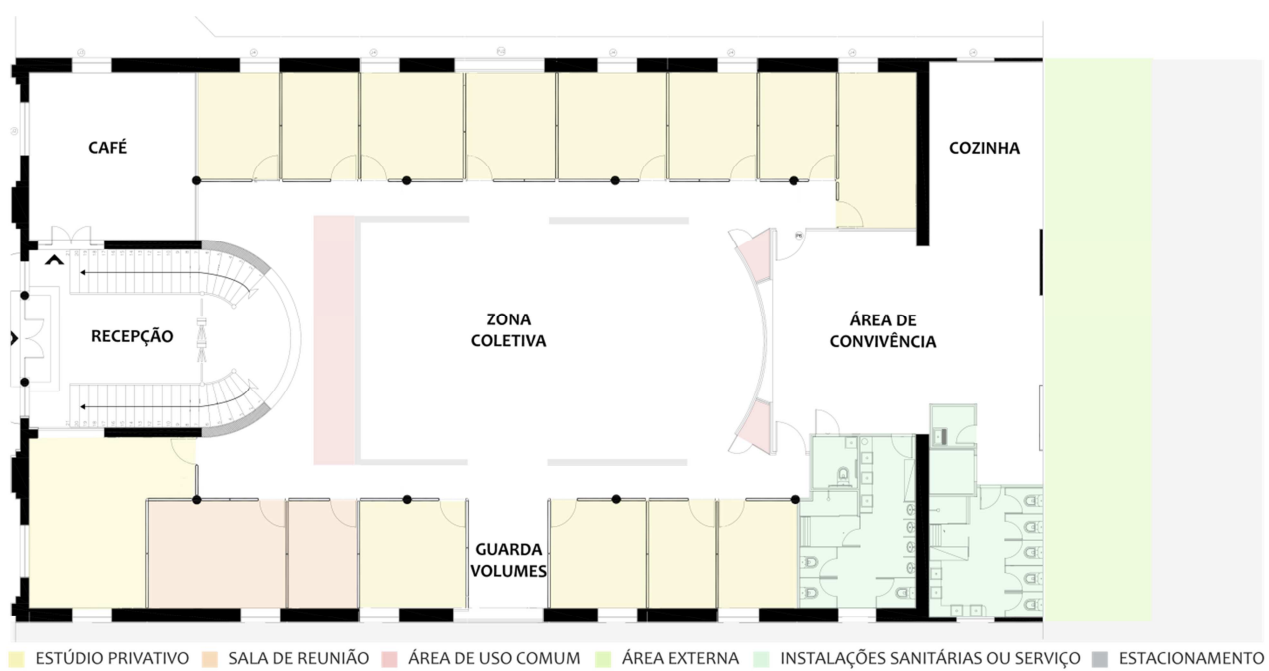
FONTE: NEX (2017).

FIGURA 13 – ÁREA EXTERNA.



FONTE: AUTORA (2017).

FIGURA 14 – PLANTA DO TÉRREO.



FONTE: ADAPTADO DE NEX (2017).

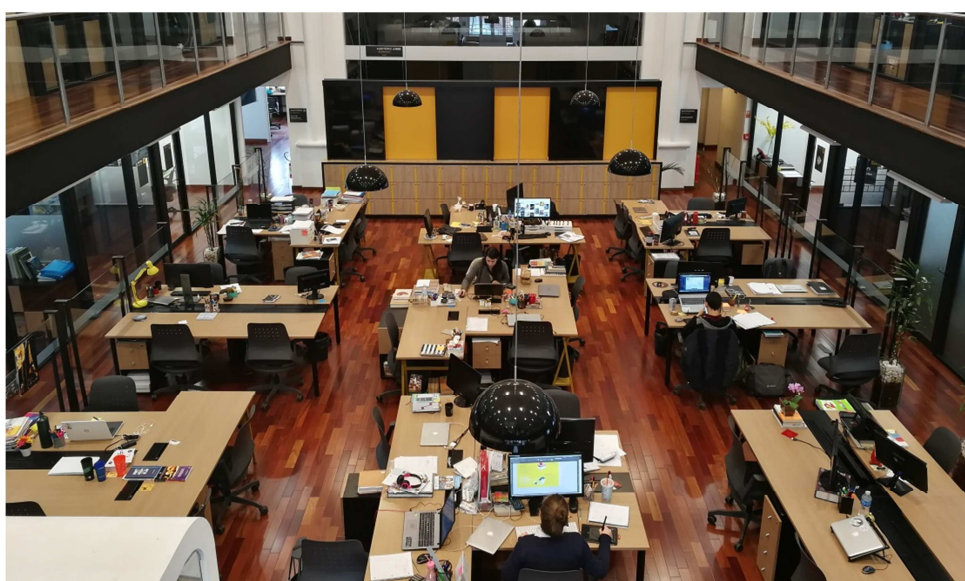
O início do primeiro andar contém alguns espaços de uso comum e vista para outra zona coletiva (FIGURAS 15 a 17). Também disponibiliza três salas de reunião, treze estúdios privados, espaço para eventos e instalações sanitárias.

FIGURA 15 – ESPAÇOS DE USO COMUM E ZONA COLETIVA NO CENTRO AO FUNDO.



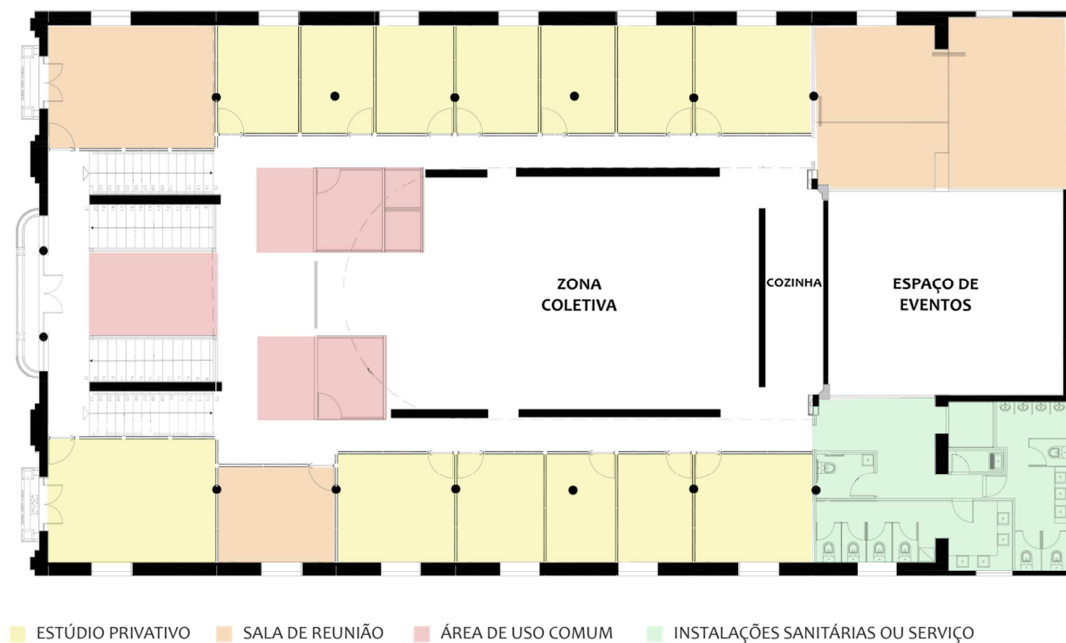
FONTE: AUTORA (2017).

FIGURA 16 – ZONA COLETIVA.



FONTE: AUTORA (2017).

FIGURA 17 – PLANTA DO PRIMEIRO ANDAR.



FONTE: ADAPTADO DE NEX (2017).

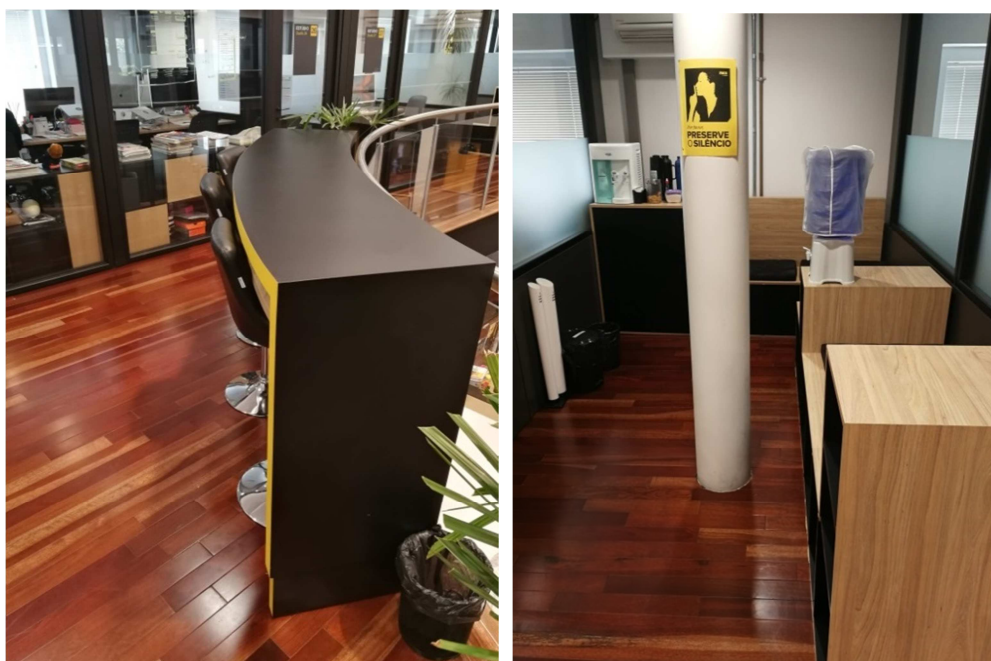
O segundo andar é em mezanino e abriga mais quinze estúdios privados, uma sala de reunião, um pequeno espaço de convivência, três postos de trabalho de uso comum e instalações sanitárias (FIGURA 18 a 20).

FIGURA 18 – MEZANINO DO SEGUNDO ANDAR.



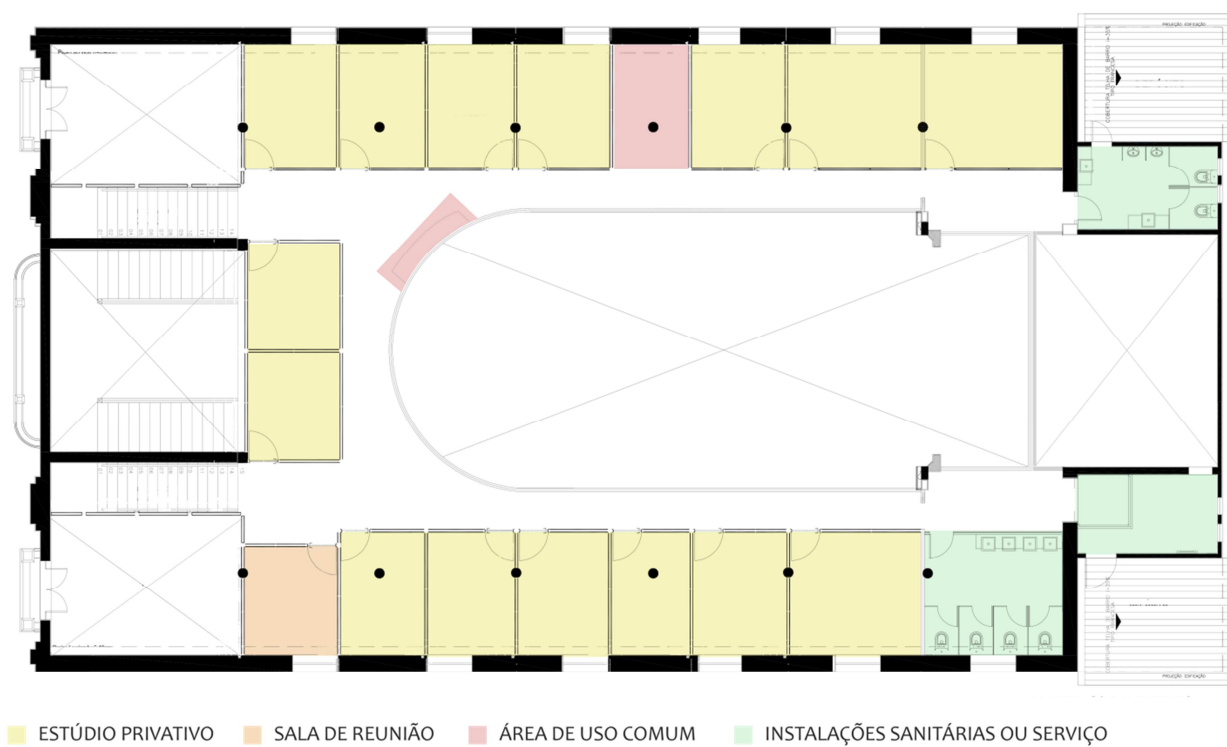
FONTE: EDUARDO MACARIOS (2014).

FIGURA 19 – ESPAÇOS DE USO COMUM.



FONTE: AUTORA (2017).

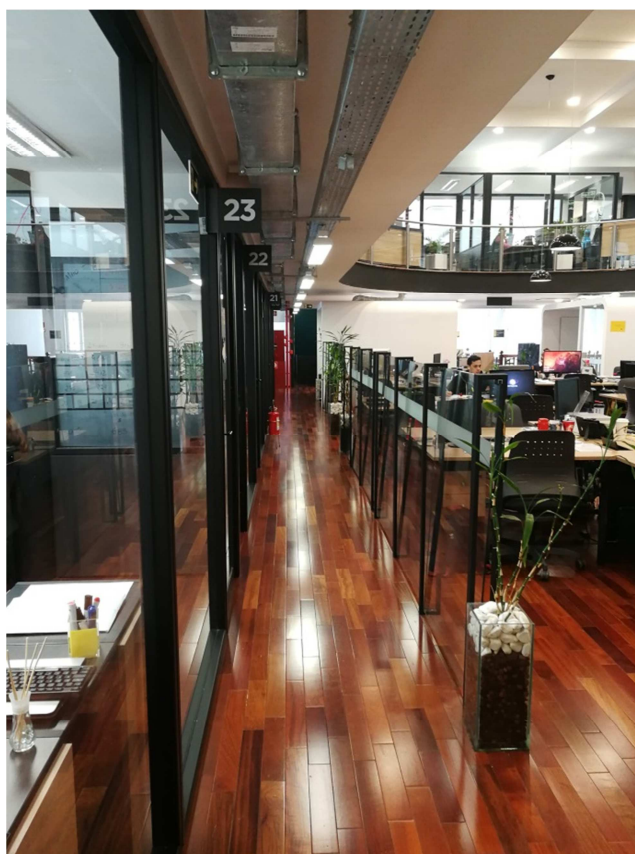
FIGURA 20 – PLANTA DO SEGUNDO ANDAR.



FONTE: ADAPTADO DE NEX (2017).

Buscava-se através da arquitetura criar uma sensação de acolhimento, bem-estar e integração. Contudo, para a autora desta monografia, o resultado final não foi o desejado. Em visitas realizadas ao local, pode-se perceber uma divisão intensa entre os estúdios privados e a área livre. O trajeto de um *coworker* de um estúdio do segundo andar é recepção-escada-corredor-estúdio, sem passar por nenhuma área comum ou pela zona coletiva. O de um *coworker* do primeiro andar é exatamente o mesmo, mas ele passa por uma pequena área comum (FIGURA 15) antes de chegar no corredor feito com divisórias (FIGURA 21). Já um *coworker* de um estúdio do térreo realiza quase o mesmo trajeto — recepção-corredor-estúdio, só que agora sem subir uma escada e vendo a área coletiva à sua direita ou esquerda.

FIGURA 21 – CORREDOR DO PRIMEIRO ANDAR.



FONTE: AUTORA (2017).

Ambas as áreas de trabalho coletivas têm limites bem definidos com barreiras: na frente, são divisórias de madeira com vegetação ou de vasos, os

corredores de circulação nas laterais com divisórias de vidro e as paredes das cozinhas no fundo (FIGURA 22). Essa configuração forma territórios pouco convidativos para a entrada de usuários de estúdios e isso impede oportunidades para encontros aleatórios — fator muito importante para as relações de proximidade no *coworking*, conforme explorado no subcapítulo 2.5.

FIGURA 22 – DIVISÓRIAS FRONTAIS DAS ZONAS COLETIVAS.



FONTE: AUTORA (2017).

Outra crítica é aos espaços comuns de trabalho. Em sua grande maioria, os locais de *coworking* oferecem diversos tipos de áreas para os *coworkers* trabalharem, como grandes mesas coletivas, lounges, estações de trabalho em pé, pontos mais isolados e quietos. No caso do Nex Coworking acredito que a quantidade desses espaços flexíveis e multifuncionais seja insuficiente para o número de profissionais que trabalham nesse local.

O ambiente externo também possui deficiências. A qualidade deste é muito prejudicada pelos automóveis que circulam em volta e trazem um cheiro intenso de fumaça, devido à presença do estacionamento ao redor. O deque também não se integrava ao espaço interno, uma situação muito diferente do segundo estudo de caso que será apresentado nessa monografia, e que me fez questionar quantas pessoas utilizavam aquele espaço como local de trabalho durante o dia, e não somente como espaço para fumantes ou durante eventos.

Como conclusão, o Nex Coworking, apesar de ser o espaço de *coworking* de maior porte e reconhecimento da cidade de Curitiba e com um grande espaço para o funcionamento do programa, possui problemas em relação ao modo como os valores do *coworking* foram inseridos no projeto.

3.2 EDIFÍCIO CORUJAS – SÃO PAULO, BRASIL.

O Edifício Corujas (FIGURA 23) foi projetado pelo escritório paulista FGMF Arquitetos para a empresa Idea!Zarvos em 2014 . Os arquitetos projetaram um empreendimento para atender às necessidades e características particulares da indústria criativa e que se opunha aos tradicionais edifícios de escritórios com fachadas de vidro espelhado.

FIGURA 23 – EDIFÍCIO CORUJAS.



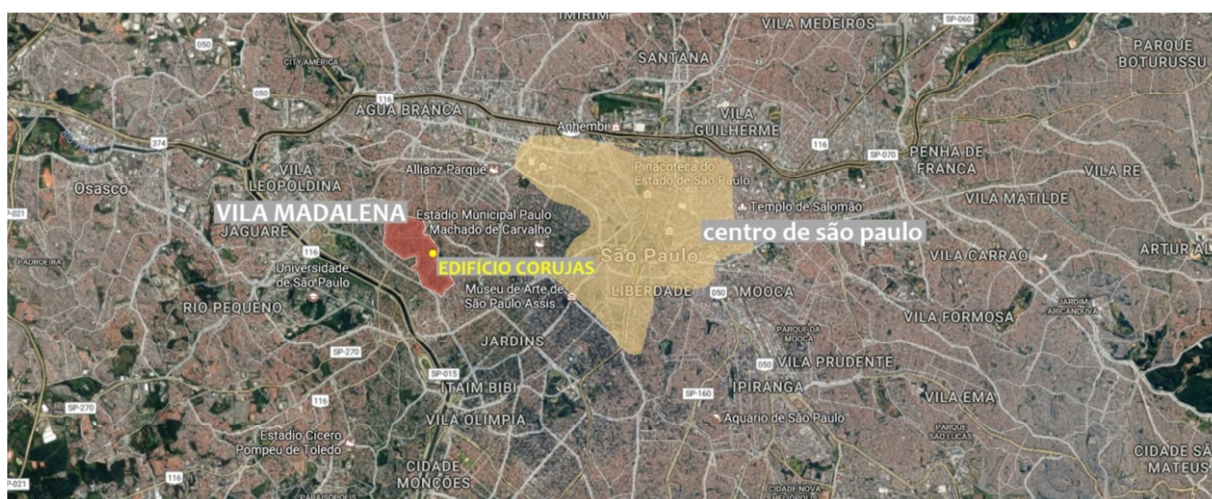
FONTE: ARCHDAILY (2016).

Essa oposição já começa com a localização: bairro da Vila Madalena na cidade de São Paulo, SP, mais especificamente na rua Natingui, 442 (FIGURA 24). A construção está inserida em uma região mista da cidade, não em uma avenida comercial junto aos de mesma tipologia. Além de ser um pólo boêmio e cultural em

expansão, o local conta com inúmeros restaurantes, bares, galerias de arte, lojas e feiras de rua. É considerado um dos bairros mais irreverentes de São Paulo e do mundo, contando com uma agitada vida noturna que atrai uma diversidade de turistas e moradores da cidade.

O nome Edifício Corujas foi escolhido pois se encontra ao lado do córrego das Corujas, em um dos trechos em que ele não está canalizado e forma o pequeno Parque Linear das Corujas com vegetação nas margens.

FIGURA 24 – LOCALIZAÇÃO DO EDIFÍCIO CORUJAS EM RELAÇÃO AO CENTRO DE SÃO PAULO.



FONTE: ADAPTADO DE GOOGLE MAPS (2017).

Por estar em uma área residencial, o gabarito de altura é de apenas nove metros e os lotes são estreitos e compridos. Por isso, para tornar a obra viável, optou-se por agregar vários lotes, espalhando o programa horizontalmente pelo terreno. Foi edificada em um lote de 3.470m² e possui uma área construída de 6.880 m².

Um dos grandes problemas surgiu quando um morador de uma casa adjacente não aceitou vender o lote, tornando assim o lote final do Edifício Corujas de forma irregular (FIGURA 25) e dificultando o partido arquitetônico.

FIGURA 25 – LOTE FINAL DO EDIFÍCIO CORUJAS.



FONTE: ADAPTADO DE ARCHDAILY (2016).

O conceito inicial do projeto era a criação de espaços mais humanizados para o trabalho, priorizando o desenho, as questões técnicas de iluminação e ventilação natural, e a interação com o espaço público. Também buscavam criar escritórios de diversos tamanhos e formatos — foram construídas 25 unidades ao total, com áreas a partir de 80m². Alguns conjuntos possuem pé-direito duplo, aproveitando a inclinação do terreno ou para dar mais dinâmica ao arranjo da planta e da fachada.

Além da oposição ao que está sendo normalmente produzido para essa tipologia, os arquitetos também fizeram outras escolhas incomuns. Eles estabeleceram um recuo maior do que o necessário na frente do terreno abrindo a construção para a rua e fornecendo um espaço para a comunidade (FIGURA 26). Nesse local foi construída uma pequena praça pública, com jardins, bancos e mesas, que serve de suporte para os *food trucks* que costumam estacionar ali. Também não existe o fechamento por muros ou gradis do lote na frente do terreno, havendo a união do prédio à calçada.

FIGURA 26 – PLANTA DO TÉRREO.



FONTE: ARCHDAILY (2016).

O partido surge da horizontalidade imposta pelo lote irregular e pela legislação. Foram dispostos dois blocos - um frontal e outro posterior, com uma grande praça central - e eles se conectam por generosos espaços avarandados, terraços, passarelas e escadas abertas.

A proporção entre áreas fechadas e abertas é praticamente equivalente, pois o prédio ocupa pouco o terreno. As salas empresariais possuem generosas áreas externas próprias e privativas, e o tipo de espaço varia com o andar: térreo — jardim; primeiro pavimento — deque e varandas; e segundo pavimento — terraço (FIGURA 27). Além desses espaços de convivência privados, existem também os públicos. Desta maneira as pessoas conhecem e se relacionam com outras que trabalham nas empresas vizinhas e têm o mesmo modo de trabalho criativo.

FIGURA 27 – VISTA AÉREA E IDENTIFICAÇÃO DE TIPOS DE ESPAÇOS EXTERNOS PRIVATIVOS.

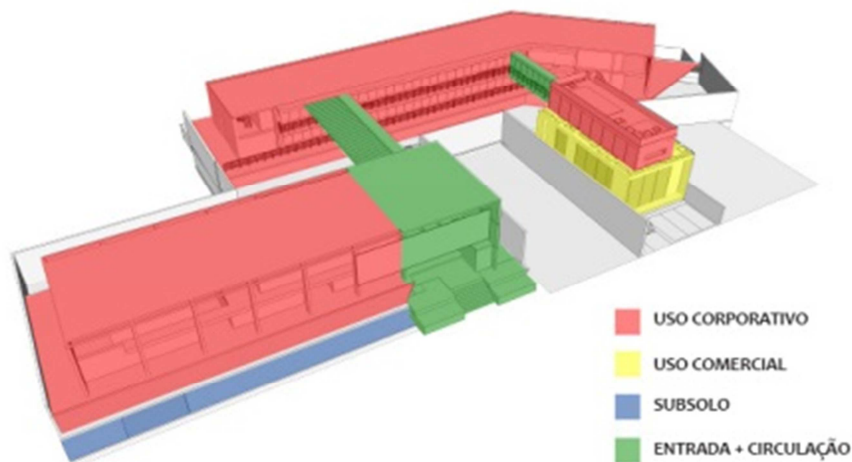


FONTE: ADAPTADO DE ARCHDAILY (2016).

O acesso é concentrado em uma entrada e a partir do térreo os fluxos se dividem para os outros pavimentos de uso corporativo. Uma unidade se tornou comercial devido ao interesse da loja Vitra em se instalar no empreendimento. Assim, neste espaço foi criado um fechamento para funcionamento autônomo separado do resto do conjunto.

Além dos escritórios e da loja, a obra conta com um café para o convívio dos usuários, vestiários para maior conforto de profissionais que utilizam a bicicleta como meio de transporte para o trabalho e um subsolo de estacionamento com acesso pela cota mais baixa da rua posterior (FIGURA 28).

FIGURA 28 – ESQUEMA DE SETORIZAÇÃO.



FONTE: ADAPTADO DE ARCHDAILY (2016).

Em relação aos aspectos técnicos, a construção emprega uma estrutura mista de elementos pré-moldados e moldados in loco de concreto e estrutura metálica.

O térreo foi construído com sistema construtivo de concreto moldado in loco e os pavimentos superiores em estrutura metálica e sistema pilar-viga pré-fabricado de concreto (FIGURA 29). A laje de cobertura do térreo é de concreto protendido pós-tensionado e possibilita grandes vãos. É a única que não foi pré-fabricada devido à altura disponível, balanços e sobrecargas de jardim. As outras são todas do tipo painel alveolar protendido.

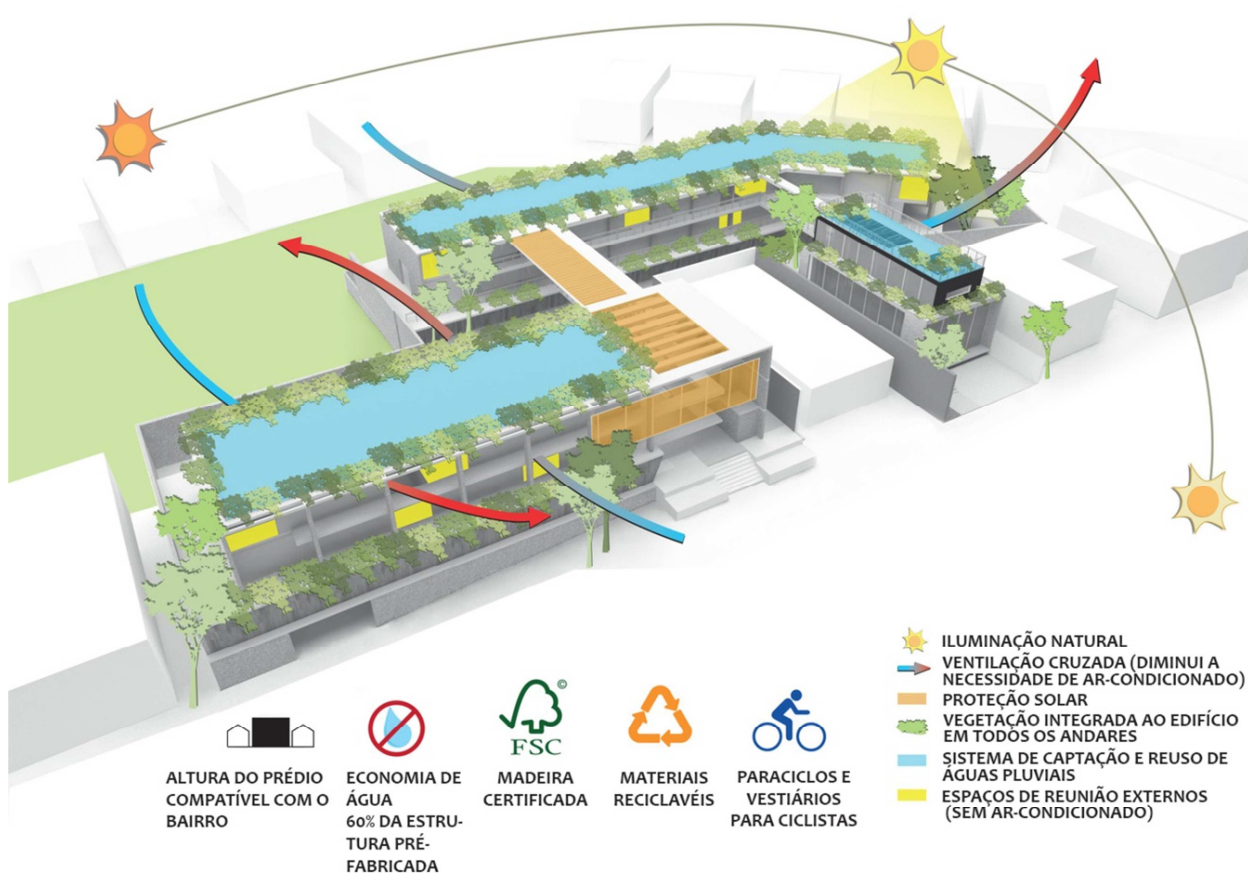
FIGURA 29 – PÁTIO CENTRAL E ESTRUTURA PRÉ-FABRICADA.



FONTE: ADAPTADO DE ARCHDAILY (2016).

Para atenuar a insolação direta e obter mais controle térmico no interior do edifício, foram escolhidos brises de telha metálica perfurada que bloqueiam o sol intenso, mas não a iluminação natural. Além da iluminação e da ventilação natural, existem outras preocupações com a sustentabilidade como a captação e reuso de águas pluviais e o uso de madeiras certificadas e materiais recicláveis (FIGURA 30).

FIGURA 30 – ESQUEMA DE SUSTENTABILIDADE.



FONTE: ADAPTADO DE ARCHDAILY (2016).

A estrutura aparente se torna parte da plástica final da obra. Os materiais selecionados foram o concreto aparente, a madeira, o vidro e a estrutura metálica em branco. A madeira traz uma característica de conforto e se relaciona mais com o bairro, predominantemente residencial.

A madeira de cumaru foi utilizada em tábuas no embasamento para realizar o fechamento da estrutura de concreto, assim criando um volume mais sólido no térreo. Já o vidro faz a vedação da estrutura metálica, dando leveza e transparência

para a estrutura superior. Esse contraste harmoniza e equilibra a tectônica e a esteriômica. As fachadas foram pensadas de modo a criar diferentes planos (FIGURA 31). As superfícies verticais podem ser: brises de janelas, brises que fecham levemente as circulações abertas, a vedação da própria caixilharia de fechamento, uma vedação recuada em relação aos pilares etc.

FIGURA 31 – FACHADA NOROESTE.



FONTE: ARCHDAILY (2016).

Algumas das sutilezas são os recortes no fechamento inclinado em madeira da base, as quais durante o dia permitem a conexão visual entre as salas do térreo e a praça e pela noite funcionam como luminárias para o exterior. Os brises perfurados também possuem uma transparência: deste modo não escondem o prédio com a iluminação diurna e o revelam com a noturna. Outro destaque é a arquitetura como veículo e recurso de informação, através de um design mais lúdico e visual implantado na própria arquitetura, como em vigas, paredes e piso. O paisagismo, projeto de André Paoliello, é reconhecido como elemento arquitetônico e não apenas um complemento da arquitetura ou preenchimento de espaços vazios (FIGURA 32).

FIGURA 32 – PAISAGISMO INTERNO E SUTILEZAS DO EDIFÍCIO CORUJAS.



FONTE: ADAPTADO DE ARCHDAILY (2016).

O Edifício Corujas, mesmo não sendo de *coworking*, se relaciona muito a essa maneira de trabalho. Devido à forma não verticalizada, a escala do pedestre e o convívio de pessoas é priorizado. A comunidade é um dos pontos-chave do *coworking* e a arquitetura dessa obra propicia a criação de uma micro-comunidade através da livre comunicação entre áreas privadas e públicas — não há corredores fechados e existe uma grande integração visual. A transparência proporcionada pelos panos de vidro conecta a dinâmica do empreendimento ao cotidiano do bairro.

Outras relações existentes com *coworking* são a localização do terreno e a preocupação com a sustentabilidade. Um edifício de *coworking* necessita da proximidade com residências e serviços devido ao perfil do usuário. O uso da vegetação, a escolha dos materiais e dos sistemas sustentáveis é também muito aplicável ao tema estudado. Uma questão para atentar-se é ao uso de áreas externas. Em São Paulo, elas se tornam muito úteis pois o clima da cidade o permite na maior parte do ano. Já em Curitiba a configuração desses espaços deve ser diferente devido ao clima mais frio e chuvoso.

3.3 YUANYANG EXPRESS WE+ COWORKING SPACE

O espaço de *coworking* Yuanyang Express We+ foi projetado pelo escritório MAT Office em 2015 e se localiza no distrito de Chaoyang na cidade de Pequim na China, próximo ao viaduto Sanyuan. Assim como o Nex Coworking, esse *coworking* foi implantado em um edifício existente, mas neste caso, a escolha se deu pelos primeiros pavimentos de um prédio residencial (FIGURA 33).

Além da proximidade natural com os apartamentos acima, a região é majoritariamente composta por distritos residenciais, o que torna a localização do *coworking* muito interessante, pois fornece uma opção de local de trabalho para um grande número de profissionais. Além disso existem parques, hotéis, mercados, uma estação de metrô e um shopping próximos. A figura 34 apresenta a localização aproximada do We+, bem como a grande densidade de residências ao seu redor e os parques mais próximos.

FIGURA 33 – PERSPECTIVA DA ENTRADA.



FONTE: MAT OFFICE (2015).

FIGURA 34 – LOCALIZAÇÃO APROXIMADA E RELAÇÃO COM MORADIAS.



FONTE: ADAPTADO DE GOOGLE MAPS (2017).

Os arquitetos iniciaram o processo de criação realizando uma pesquisa extensa de estudos de caso e análise de precedentes de espaços flexíveis e compartilhados. O design final resultou em uma experiência como a de uma biblioteca: com espaços abertos e grandes mesas mais integradas e algumas estações reservadas e cabines mais privadas. Outra preocupação do projeto é trazer áreas de exposição — como uma grande parte de *coworkers* são empresas em fase de desenvolvimento de produtos, publicação e apresentação, é interessante ter um espaço que propicie mostras e feedbacks entre profissionais.

As cores vibrantes e quase complementares — amarelo e azul — tanto no mobiliário quanto nas faixas no piso e as formas diferenciadas fazem com que esse espaço de *coworking* seja um local vivo, divertido e inspirador para trabalhar. A inserção de um bar e uma área de comércio também tornam o espaço mais amigável ao público externo.

A área é de 800m² e está dividida em três pavimentos: térreo, primeiro e subsolo. O térreo — espaço mais livre e aberto — abriga as funções mais públicas como a recepção, um bar, espaços de exposição e uma área comercial. Os espaços de exposição se dividem por 4 módulos no meio da área de trabalho e uma parede expositiva. A área comercial possui entrada independente e é separada do conjunto de *coworking* através de um mobiliário modular de painéis de OSB, para que em

momentos específicos ela sirva como vitrine de produtos e espaço de vendas (FIGURA 35) . Normalmente ela se encontra conectada ao bar e funciona como área multiuso, tendo um layout mais flexível com mesas triangulares que podem unidas para reuniões.

Além dessas funções, o térreo possui espaços de trabalho para profissionais não-membros, mesas de trabalho individual, uma mesa comunitária para discussões em grupo ou para trabalho individual e cabines com mais privacidade para grupos pequenos (FIGURA 36). Esses locais podem ser identificados na figura 37.

FIGURA 35 – ÁREA COMERCIAL E MESAS DE TRABALHO INDIVIDUAL.



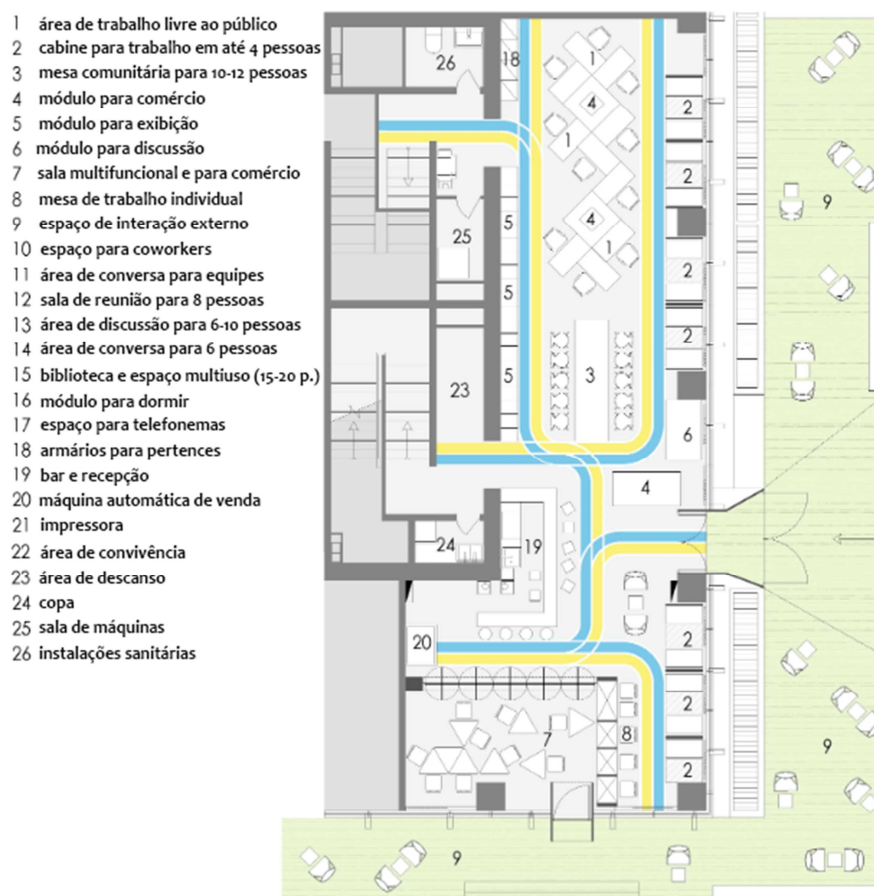
FONTE: MAT OFFICE (2015).

FIGURA 36 – CABINES E MESA COLETIVA AO FUNDO.



FONTE: MAT OFFICE (2015).

FIGURA 37 – PLANTA DO TÉRREO.



FONTE: ADAPTADO DE MAT OFFICE (2015).

O segundo andar contém quatro espaços de trabalho para coworkers, uma sala de reunião, duas áreas de discussão para equipes e uma área de convivência. Os espaços, tanto de trabalho quanto de reunião, são bem integrados visualmente por divisórias de vidro e bem iluminados. Assim como no Edifício Corujas, usa-se a arquitetura como veículo de informação para indicar usos, caminhos e acessos.

A espacialidade pode ser vista nas figuras 38 e 39 e as áreas podem ser observadas na planta da figura 40.

FIGURA 38 – ESPAÇOS PARA COWORKERS E ÁREA DE CONVIVÊNCIA.



FONTE: ARCHDAILY (2015).

FIGURA 39 – SALA DE REUNIÃO E ÁREA DE CONVIVÊNCIA.



FONTE: ARCHDAILY (2015).

FIGURA 40 – PLANTA DO SEGUNDO ANDAR.

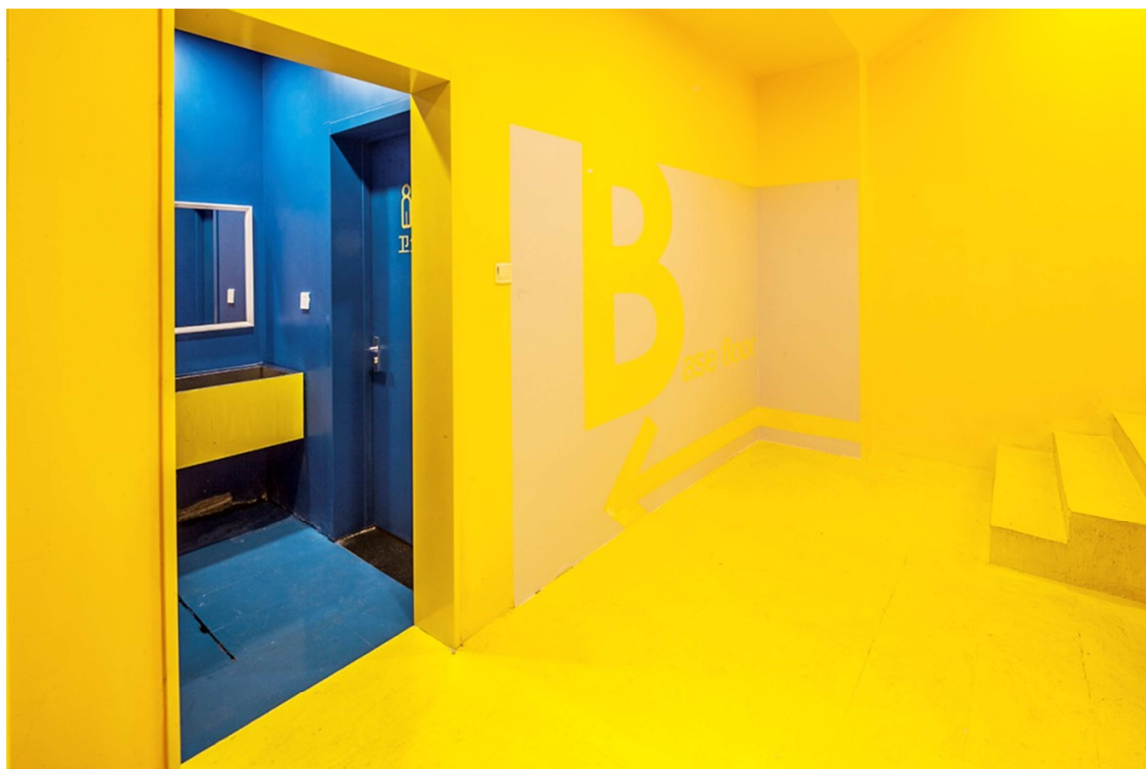


FONTE: ADAPTADO DE MAT OFFICE (2015).

Para minimizar as negatividades do subsolo — falta de vistas externas, falta de insolação direta e iluminação e ventilação natural de pior qualidade — e atrair as pessoas para esse andar, a escada inteira foi pintada com o amarelo vibrante, assim criando um caminho visual e dando mais vida ao andar (FIGURA 41). Quando chega ao subsolo a escada se conecta a uma arquibancada para apresentação de projetos e biblioteca (FIGURA 42). O subsolo disponibiliza uma sala de reunião, um módulo onde os profissionais podem dormir e relaxar e uma área de convivência com mobiliário diferenciado. Também apresenta espaços para *coworkers* e para não-membros (FIGURAS 43 e 44).

Em todos os andares, os espaços mais privativos, como salas de reunião e nichos, são definidos pela inserção de caixas moduladas de OSB e/ou divisórias transparentes de 2,4 metros de altura. Grande parte do mobiliário, além de modular, é solto das paredes, adaptando-se às necessidades dos *coworkers* e permitindo o imediatismo em decisões, a flexibilidade e a diversidade de espaços.

FIGURA 41 – ESCADA QUE CONECTA O TÉRREO AO SUBSOLO.



FONTE: ARCHDAILY (2015).

FIGURA 42 – ÁREA DE CONVIVÊNCIA, ARQUIBANCADA E ESPAÇO PARA COWORKERS AO FUNDO.



FONTE: MAT OFFICE (2015).

FIGURA 43 – SALA DE REUNIÃO, ÁREA DE CONVIVÊNCIA E ESPAÇO PARA COWORKERS AO FUNDO.



FONTE: ARCHDAILY (2015).

FIGURA 44 – PLANTA DO SUBSOLO.

- 1 área de trabalho livre ao público
- 2 cabine para trabalho em até 4 pessoas
- 3 mesa comunitária para 10-12 pessoas
- 4 módulo para comércio
- 5 módulo para exibição
- 6 módulo para discussão
- 7 sala multifuncional e para comércio
- 8 mesa de trabalho individual
- 9 espaço de interação externo
- 10 espaço para coworkers
- 11 área de conversa para equipes
- 12 sala de reunião para 8 pessoas
- 13 área de discussão para 6-10 pessoas
- 14 área de conversa para 6 pessoas
- 15 biblioteca e espaço multiuso (15-20 p.)
- 16 módulo para dormir
- 17 espaço para telefonemas
- 18 armários para pertences
- 19 bar e recepção
- 20 máquina automática de venda
- 21 impressora
- 22 área de convivência
- 23 área de descanso
- 24 copa
- 25 sala de máquinas
- 26 instalações sanitárias



FONTE: ADAPTADO DE MAT OFFICE (2015).

Conclui-se que o Yuanyang Express We+ possui uma variedade de espaços muito interessante e uma qualidade formal e de arquitetura de interiores. As diferentes atmosferas parecem levar em consideração as múltiplas facetas do *coworking*.

3.4 CONCLUSÃO

A partir da análise dos correlatos será possível agregar vários aspectos positivos e evitar algumas situações negativas para o desenvolvimento do projeto da segunda etapa deste TFG.

O primeiro estudo de caso — Nex Coworking — mostrou características estéticas positivas que trazem a conexão visual entre *coworkers* com as divisórias de vidro e uso de mezanino. Também contribuiu com o dimensionamento das áreas por se tratar de um edifício de *coworking* de maior porte. Em relação ao seu aspecto de fluxos e setorização, ele traz alguns elementos para serem evitados, como as barreiras entre áreas e os trajetos predefinidos. O segundo — Edifício Corujas — e o terceiro — We+ — criam caminhos mais interessantes que favorecem o convívio entre os usuários, facilitando a integração e posteriormente o senso de comunidade.

O segundo caso é muito positivo em relação à qualidade das áreas externas e a integração delas com o ambiente interno, diferentemente dos outros casos. Apresenta também uma boa ligação entre o espaço público e o privado, quando cede uma parte do seu terreno para a criação de uma praça e não impõe limites rígidos. Outra questão é o aspecto estrutural e dos materiais que, por serem pré-fabricados, certificados e recicláveis, combinam com o valor de sustentabilidade do *coworking*. O lado negativo é que essa obra não se enquadra na tipologia de *coworking* por ser um edifício apenas de salas comerciais.

O último correlato contribui principalmente com a variedade de espaços de trabalho de uso comum e a inserção de outros tipos de uso, como comércio e exposição. Além disso, o aspecto estético das cores e mobiliário diferenciado torna o local divertido e inspirador. Um dos pontos negativos é que esse edifício não possui escritórios privativos como o primeiro estabelecimento abordado, o que inibe que profissionais que precisam de um nível maior de privacidade se instalem nesse local.

4 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE DE CURITIBA

4.1 A REALIDADE CURITIBANA

Curitiba está entre uma das cidades do Brasil e do mundo com maior interesse por *coworking*. Segundo a revista online Deskmag, a cidade figura entre as que mais pesquisaram o termo “*coworking*” no Google entre Setembro de 2011 e Agosto de 2012, e também a partir de Agosto de 2012 (FIGURA 45). Entre 2013 e 2015, o interesse por *coworking* no Brasil continuou em crescimento: o país continua como um dos mais interessados nesse formato de trabalho, e Curitiba mantém sua posição como a capital brasileira com o maior volume de pesquisas do termo.

FIGURA 45 – INFOGRÁFICO SOBRE A PROCURA ENTRE 2011 E 2012 E A PARTIR DE 2012.



FONTE: DESKMAG (2012).

NOTA: Tradução da 1ª imagem — “cidades mais populares para ‘coworking’ no google. Últimos doze meses. Austin, São Francisco, Nova Iorque [...] Madri, Berlim, Barcelona, Varsóvia, Paris”

Tradução da 2ª imagem — “cidades mais populares para ‘coworking’ no google.

Austin, São Francisco, Nova Iorque [...] Berlim, Barcelona, Varsóvia, Madri, Milão, Paris, Londres”

A cor e o tamanho do círculo representam o volume do número de pesquisas em uma escala de 1 a 100.

FIGURA 46 – INFOGRÁFICO SOBRE A PROCURA ENTRE 2013 E 2015.



FONTE: ADAPTADO DE DESKMAG (2015).

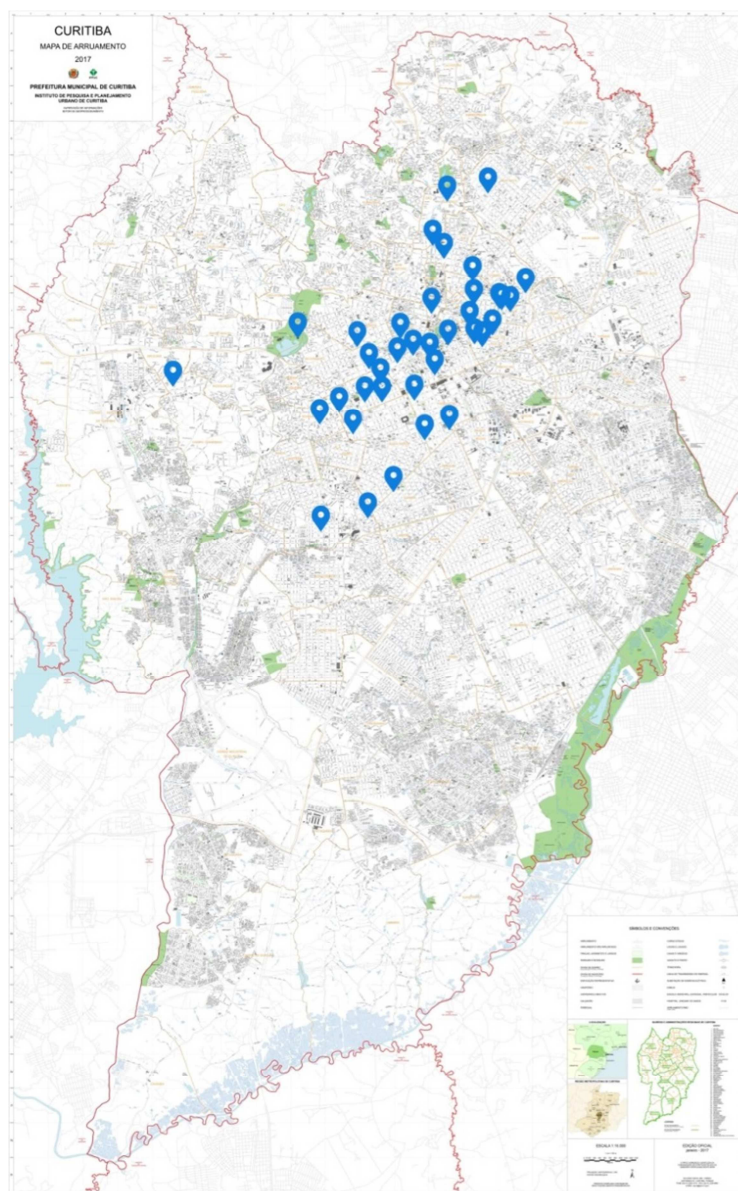
Curitiba também destaca-se ao propor a abertura do primeiro *coworking* público municipal do Brasil, o Worktiba Barigui, previsto para junho de 2017. Neste espaço de *coworking*, empresas e projetos de cunho social ou ambiental podem ocupar mesas dentro de um escritório coletivo localizado no Parque Barigui. Nesse espaço serão fornecidos computadores, impressora, telefone fixo e internet sem fio. O período de ocupação é de cinco meses, mas pode ser prorrogado. Espera-se que esses locais de *coworking* públicos contribuam para o caráter inovador da cidade, com atividades mensais relacionadas a empreendedorismo para a comunidade e com soluções para questões sociais e ambientais da própria Curitiba.

Segundo a ANCEV (Associação Nacional de Coworkings e Escritórios Virtuais), em 2015 existiam no Paraná 50 espaços e metade deles se concentrava na capital.

Desde a implantação do Aldeia Coworking — primeiro espaço de *coworking* da cidade — em 2010, foram criados mais de 30 espaços que se caracterizam como

locais de *coworking*. Além destes identificados, existem mais espaços em Curitiba que não se denominam *coworking*, mas onde ocorre o aluguel e compartilhamento de equipamentos e espaços. A maioria se encontra no centro de Curitiba, se espalhando em direção ao oeste e norte, principalmente nos bairros Centro, Batel, Alto da XV e Hugo Lange (FIGURA 47).

FIGURA 47 – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS ESPAÇOS DE COWORKINGS DE CURITIBA.



FONTE: ADAPTADO DE IPPUC (2017).

Alguns dos espaços identificados se limitam a um ramo de atividade específica ou a um público específico, como os: Plano Forte, *coworking* para profissionais da área de arquitetura e construção civil; O Penal, que conta com ferramentas para trabalhos manuais e um laboratório de fabricação digital; Mamaworking, espaço para mães que trabalham; e o *coworking* público Worktiba, mencionado anteriormente, que foca em organizações voltadas a questões sociais e ambientais.

Por meio da pesquisa, pode-se notar que os edifícios de *coworking* normalmente são reciclagens, retrofits ou reformas de construções já existentes. Essa tendência se deve ao fato de que essa tipologia procura se inserir em regiões mais consolidadas da cidade, onde já existe a oferta de transporte e de serviços, porém terrenos vazios são escassos. No entanto, contar com uma estrutura física existente traz limites e condicionantes para a solução arquitetônica, podendo dificultar e até prejudicar a qualidade espacial e o funcionamento do *coworking*, como foi apresentado no estudo de caso do Nex Coworking.

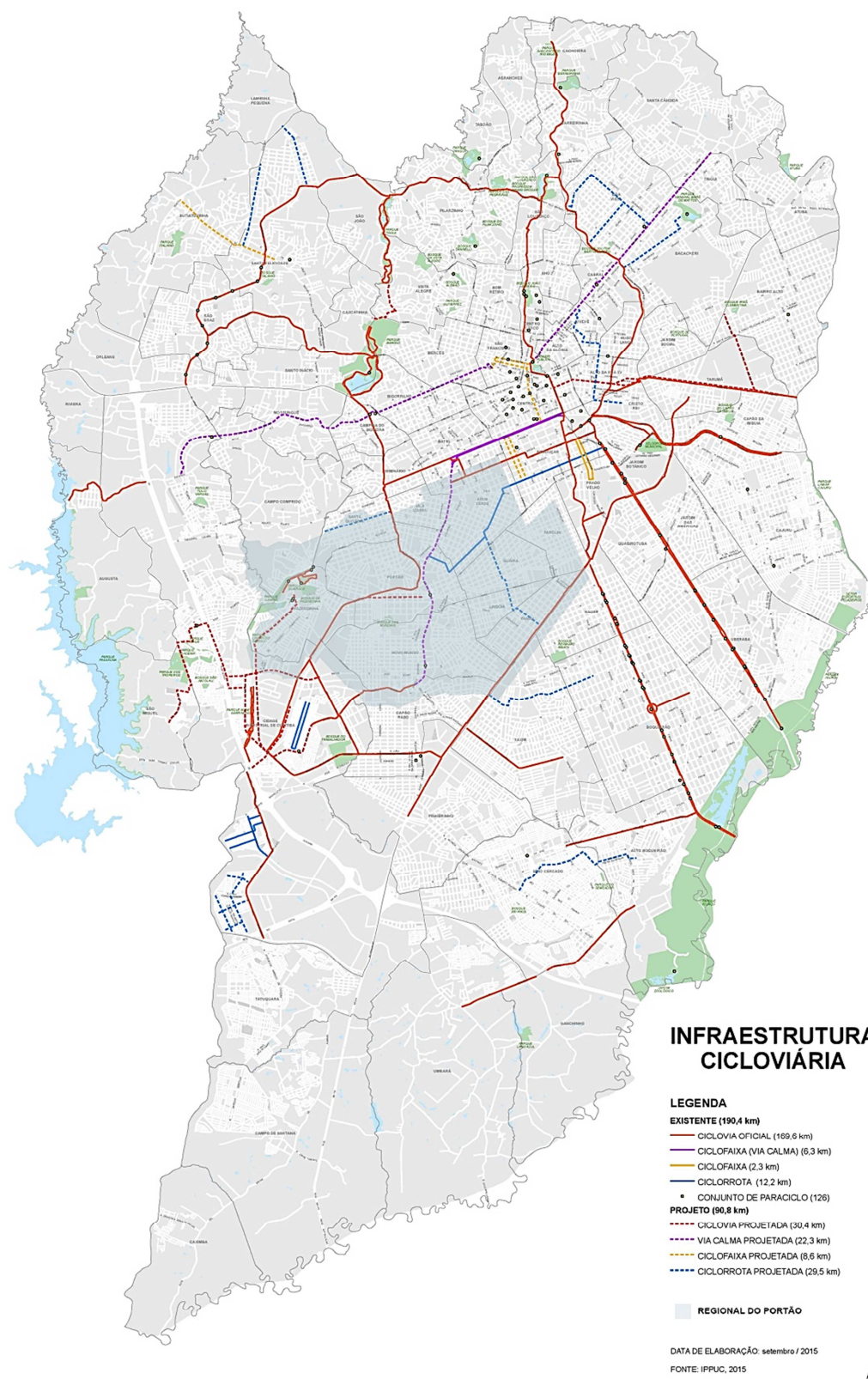
Com base nas informações levantadas, considerou-se que a região mais adequada para a implantação de um novo edifício de *coworking* seria a Regional do Portão. Esta área é considerada um forte subcentro de Curitiba, ofertando uma extensa variedade de comércios e serviços — característica importante e decisiva na escolha do local para os usuários do *coworking*, como visto no subcapítulo 2.6.

Através do eixo de transporte coletivo, ela tem o potencial de se conectar às zonas de expansão de Curitiba ao sul e de atrair parte da população que não está no raio de abrangência dos espaços de *coworking* existentes. Outro destaque da área é a presença de ciclovia e ciclorrotas.

Além disso, já existem projetos para mais um trecho de ciclovia, de ciclorrotas e de ciclofaixa em uma Via Calma⁴ — trecho da avenida República Argentina. A facilidade de acesso também tornará o projeto mais sustentável, pois incentiva o uso de modais menos prejudiciais como o transporte coletivo, a bicicleta e os deslocamentos a pé.

⁴ A Via Calma constitui espaço compartilhado entre motorizados e bicicletas, destinado à circulação prioritária da bicicleta. Por não ser exclusivo admite a presença eventual de motorizados desde que em momentos específicos, para acesso às propriedades lindeiras da via, ou ainda para realizar parada eventual para o embarque ou desembarque de passageiros.

FIGURA 48 – MAPA DA INFRAESTRUTURA CICLOVIÁRIA DE CURITIBA.



FONTE: ADAPTADO DE IPPUC (2017).

4.2 A REGIONAL DO PORTÃO

A regional Portão compreende os bairros Portão, Vila Isabel, Água Verde, Parolin, Guaíra, Fanny, Lindóia, Novo Mundo, Fazendinha, Santa Quitéria e parte do Campo Comprido. É a segunda mais populosa de Curitiba, totalizando uma população de 243.506 habitantes em 2010 segundo o IPPUC, dentre a qual uma grande porcentagem é de jovens adultos e adultos — especificamente 17% na faixa de idade do perfil de *coworker* do subcapítulo 2.6.

Outro aspecto é a alta taxa de uso residencial da região. Os bairros citados abrigam 15% dos domicílios particulares permanentes da cidade e de 2000 a 2012 86% dos alvarás liberados foram para unidades residenciais. A localização do edifício de *coworking* próxima a áreas residenciais também concorda com o perfil do *coworker*, que busca um local de trabalho na proximidade de sua moradia para ter curtos tempos de deslocamento e mais sustentabilidade por utilizar menos ou até não utilizar meios de transporte.

Em relação ao transporte público, a Regional possui dois terminais da Rede Integrada de Transportes: o Terminal Portão e o Terminal Fazendinha com capacidade para 122.000 passageiros por dia útil, e 98% da sua população vive em um raio de até 250 metros das linhas de ônibus. O Terminal do Capão Raso se encontra no bairro Novo Mundo bem próximo à divisa com o bairro Capão Raso da Regional Pinheirinho.

A região também conta com um eixo estrutural de ordenamento e desenvolvimento da cidade — a Avenida República Argentina — que conecta o centro aos bairros. Essa ligação é realizada através de um sistema trinário composto por uma via central de transporte coletivo e duas vias estruturais paralelas. O zoneamento próximo ao eixo caracteriza-se por maiores densidades demográficas, concentração de infraestrutura, equipamentos urbanos, comércios e serviços. Seria uma localização muito interessante para um edifício de *coworking*, porém os seus parâmetros construtivos permitem uma área construída e uma altura muito além da necessária para o programa estabelecido, gerando a subutilização do lote. Portanto, a procura de terrenos ocorreu próximo a essas áreas mais consolidadas e com usos variados, mas com coeficientes de aproveitamento e altura permitida menores.

4.3 O TERRENO ESCOLHIDO

A partir da análise feita anteriormente, escolheu-se um terreno para a implantação da proposta no bairro do Novo Mundo (FIGURA 49). Ele se localiza na Avenida Brasília próximo ao cruzamento com a Rua das Andorinhas. Alguns dos seus diferenciais são a presença de arborização dentro do lote, entorno com serviços variados e a proximidade com o Terminal do Capão Raso.

O bairro do Novo Mundo apresenta uma faixa etária predominante compatível com o público-alvo, assim como rendimento médio domiciliar.

O lote de indicação fiscal 83.586.023 se encontra no meio da quadra, possui duas testadas e área total de aproximadamente 4.300m². Devido a essa grande dimensão que comporta além do programa de necessidades esperado, propõe-se uma subdivisão do lote em duas frações: uma com testada para a Avenida Brasília e outra com testada para a Rua Maria Trevisan Tortato, sendo escolhido a primeira por se apresentar em uma via mais comercial e possuir uma quantidade de área verde mais adequada (FIGURA 50). Os parâmetros construtivos fornecidos pela Guia Amarela da Prefeitura Municipal de Curitiba se encontram no Quadro 2.

Atualmente, o lote encontra-se sem uso e sem construções. Também não há nenhum acesso previsto por guias rebaixadas e a testada está fechada por uma cerca metálica (FIGURAS 51 e 52). Logo, não se faz necessária a intervenção em algo consolidado para a implantação do projeto.

FIGURA 49 – TERRENO E BAIRRO NOVO MUNDO EM RELAÇÃO À CURITIBA.



FONTE: AUTORA (2017).

QUADRO 2 – PARÂMETROS CONSTRUTIVOS DO TERRENO ESCOLHIDO.

ÁREA	2278,66m ²
TESTADA	34m
ZONEAMENTO	ZR3
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	1,0
TAXA DE OCUPAÇÃO	50%
TAXA DE PERMEABILIDADE	25%
ALTURA PERMITIDA	2 pav.
RECUO FRONTAL	5m
AFASTAMENTO DAS DIVISAS	facultativo

FONTE: ADAPTADO DE PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA (2017).

FIGURA 50 – VISTA SUPERIOR DO TERRENO SELECIONADO.



FONTE: ADAPTADO DE GOOGLE MAPS (2017).

Nota: Dimensões do perímetro, ruas delimitadoras da quadra e alguns parâmetros urbanísticos.

FIGURA 51 – VISTA NO SENTIDO DE TRÁFEGO DA AV. BRASÍLIA.



FONTE: AUTORA (2017).

FIGURA 52 – VISTA NO SENTIDO OPOSTO DA AV. BRASÍLIA.



FONTE: AUTORA (2017).

O terreno possui uma declividade suave longitudinal, gerando um desnível de aproximadamente três metros entre a cota da calçada e a cota do limite posterior (FIGURA 53). Essa diferença pode colaborar com o partido arquitetônico ao facilitar a criação de diferentes níveis e pés-direitos. A arborização mencionada anteriormente se concentra no lado esquerdo ao fundo. As árvores serão mantidas de modo a contribuir com a qualidade das áreas externas, proporcionar visuais interessantes e criar zonas mais tranquilas para o edifício.

Apesar de ser um lote de meio de quadra, as edificações do entorno são de apenas um ou dois pavimentos, logo não prejudicam a insolação e ventilação. A orientação é muito favorável — sentido leste-oeste, possibilitando que a fachada mais longa do edifício proposto receba insolação na maior parte do dia.

FIGURA 53 – FACHADA.



FONTE: AUTORA (2017).

Além de ser uma via mais movimentada e comercial, a Avenida Brasília possui uma faixa de estacionamento à direita. Essa característica auxilia tanto para os usuários diários do espaço de *coworking* quanto para visitantes ocasionais (FIGURA 54). A paisagem urbana dessa via é bem agradável, com arborização, calçadas de qualidade e canteiros (FIGURA 55).

FIGURA 54 – VISTA DO OUTRO LADO DA AV. BRASÍLIA.



FONTE: AUTORA (2017).

FIGURA 55 – PORÇÃO DA AV. BRASÍLIA.

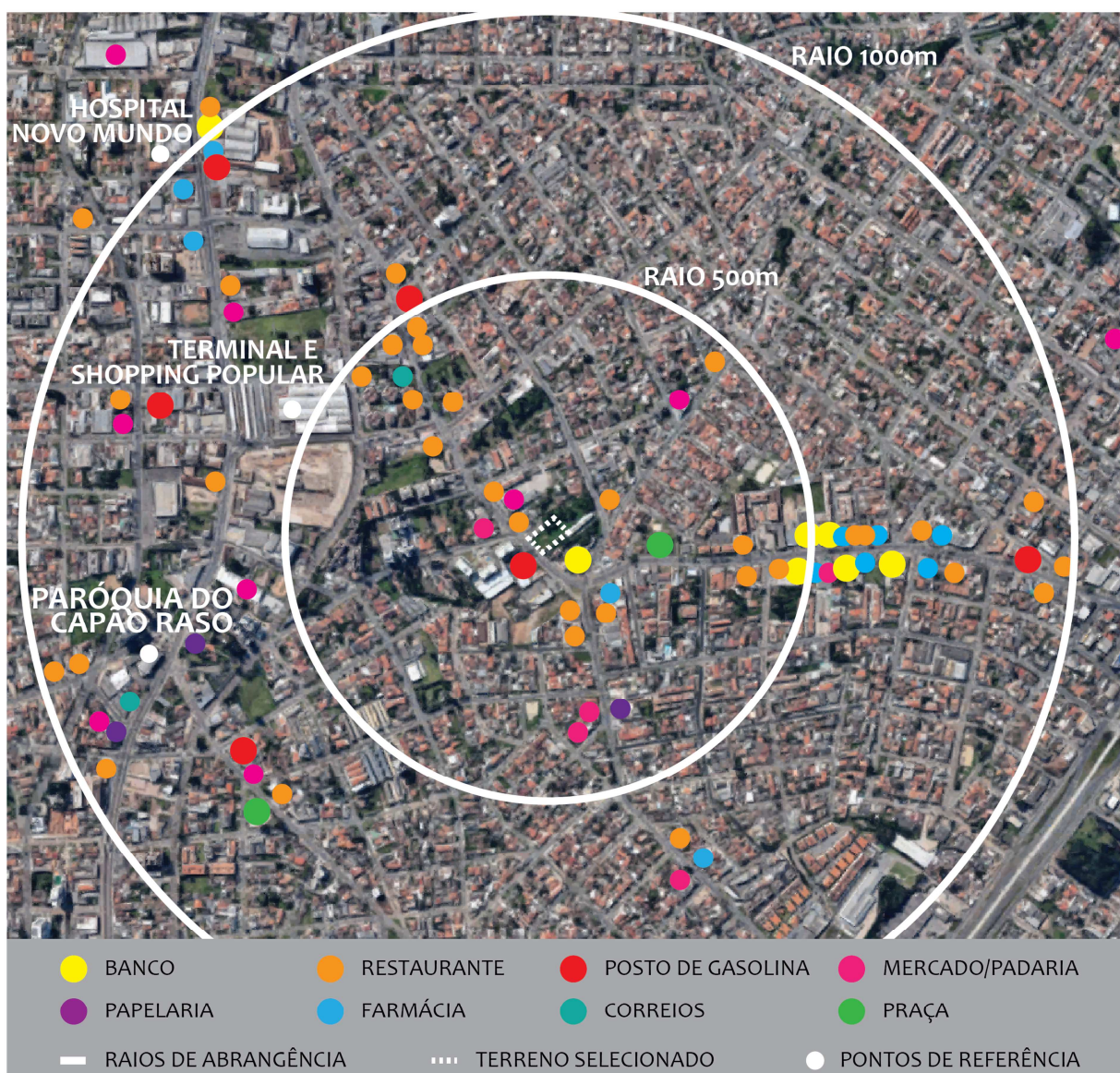


FONTE: AUTORA (2017).

O terreno está em uma regional já consolidada de Curitiba. Logo, apresenta um entorno que condiz com as necessidades dos *coworkers*, possuindo zonas comerciais e de serviços de portes variados; mas também com áreas residenciais que representam o público-alvo dessa proposta. Na proximidade do terreno encontram-se diversos restaurantes, supermercados, bancos, farmácias, entre outros; demarcados na Figura 56 de acordo com um raio de 500 metros e de 1000 metros de distância do terreno. Também está próximo a demais serviços que não foram demarcados, como academias, lavanderias e salões de beleza.

Quanto ao transporte público, o terreno está bem inserido na malha viária e o acesso é facilitado por sua proximidade a vias com múltiplas linhas de ônibus (FIGURA 57). Dentro do raio de 500 metros, a oeste, está o Terminal do Capão Raso que fornece acesso a vários tipos de linhas e ligações rápidas ao resto da cidade. Além disso, existem vários pontos de ônibus na vizinhança.

FIGURA 56 – MAPA COM LOCALIZAÇÃO APROXIMADA DE COMÉRCIOS E SERVIÇOS DO ENTORNO.



FONTE: ADAPTADO DE GOOGLE MAPS (2017).

FIGURA 57 – MAPA COM AS LINHAS DE ÔNIBUS PRÓXIMAS AO LOCAL.



FONTE: AUTORA (2017).

5 DIRETRIZES PROJETUAIS

Projetar um espaço de *coworking* envolve a criação de um local onde as pessoas se sintam confortáveis mas também produtivas. Deve-se incentivar o trabalho, a colaboração e as interações entre *coworkers*, mas também fornecer espaços nos quais o indivíduo possa ter privacidade e um tempo exclusivo para ele. A arquitetura deve buscar promover o senso de comunidade e de compartilhamento que são inerentes ao *coworking*. Portanto, deve oferecer espaços para que essas atividades possam ocorrer e se portar de uma maneira que facilite o engajamento.

Com o objetivo de propor e desenvolver um edifício de *coworking* que compreenda essas intenções, apresenta-se na sequência: as diretivas fundamentais para o conceito e partido arquitetônico; programa de necessidades, organograma e fluxograma; aspectos técnicos; e aspectos formais.

5.1 CONCEITO E PARTIDO

A proposta consiste na elaboração de um projeto arquitetônico de um edifício de *coworking* que abrigue diariamente em média cem profissionais: oitenta trabalhando na área coletiva e vinte nos escritórios privativos. O número de usuários pode ser aumentado eventualmente em situações de palestras, *workshops*, reuniões e visitantes diários. O espaço não será destinado a um nicho específico do mercado, de forma a abranger mais usuários e não limitar a essência de colaboração entre diferentes ramos de atividades profissionais.

Os espaços propostos seguem os princípios da colaboração, compartilhamento e flexibilidade através de áreas de uso comum para todos os *coworkers*. Pretende-se criar espaços mais humanizados de trabalho com layouts variados e flexíveis, sem a aparência característica rígida e estática de um edifício tradicional de escritórios. Nesses locais espera-se que o profissional sinta-se mais confortável e inspirado para seus trabalhos e reuniões (FIGURA 58). A necessidade por individualidade e privacidade também será respeitada com a criação de algumas áreas de retiro e tranquilidade dentro do espaço colaborativo

FIGURA 58 – ÁREA COLETIVA DO WEWORK WEIHAI LU.



FONTE: DEZEEN (2017).

A seguir, elenca-se uma série de diretivas a serem adotadas no partido arquitetônico da proposta a ser desenvolvida:

- Localizar o edifício em um entorno consolidado que possa atender às demandas dos *coworkers*.
- Propor um zoneamento e setorização adequados aos usos, proporcionando interação, encontro e convívio entre os usuários.
- Implantar o edifício de modo a valorizar vistas, relevo e orientações.
- Seguir princípios de sustentabilidade com o uso de materiais pré-fabricados, incentivo ao uso de modais alternativos, sistemas de captação e reuso de águas pluviais, telhados verdes, melhorias no conforto térmico e priorização da iluminação e ventilação naturais.
- Criar relações harmoniosas entre o edifício e a rua e também com o ambiente externo.

- Articular os espaços, permitindo flexibilidade e variedade nas conformações, através da modulação da estrutura pré-fabricada em concreto ou metálica.
- Projetar um espaço estimulante, inspirador, confortável e passível de personalização pelo usuário.

5.2 ASPECTOS FUNCIONAIS

Um dos produtos deste embasamento teórico é o programa de necessidades, que servirá como guia para o projeto e auxiliará na definição e pré-dimensionamento das áreas. Além do básico do programa de um edifício de *coworking*: área de trabalho coletiva, sala de reunião e área de convivência; serão projetados espaços diferenciados, como um pequeno auditório para palestras, uma sala multiuso para *workshops* e oficinas e um café de acesso público.

Para a elaboração do programa, foram consultados livros de dimensionamento e pesquisados diversos ambientes corporativos. Assim, chegou-se a uma média de 5m² por *coworker* para as áreas coletivas de trabalho e escritórios privativos.

Os espaços propostos foram divididos em seis setores: Transição; Colaboração; Trabalho; Serviços; Estacionamento; e Circulação. O setor Transição é formado pela recepção com banheiro acessível, o café e as áreas externas de convivência. O de Colaboração contém os espaços mais flexíveis como a cozinha comunitária, as áreas de uso comum, a sala multiuso e o auditório. Já o setor de Trabalho abriga a área coletiva, os escritórios privativos e as salas de reunião.

Segundo o Decreto n. 582 de 14 de Dezembro de 1990 da cidade de Curitiba, o qual descreve as normas para estacionamento ou garagem de veículos, um edifício de escritórios precisa de uma vaga para cada 120,00 m² de área construída. Para um edifício de *coworking* com área de 1441m², isso resulta em 12 vagas de 25m² cada e totaliza 300m² de estacionamento. Propõe-se-se também implantar um bicicletário na área externa.

Todos os espaços previstos e as suas áreas pré-dimensionadas podem ser observados no Quadro 3.

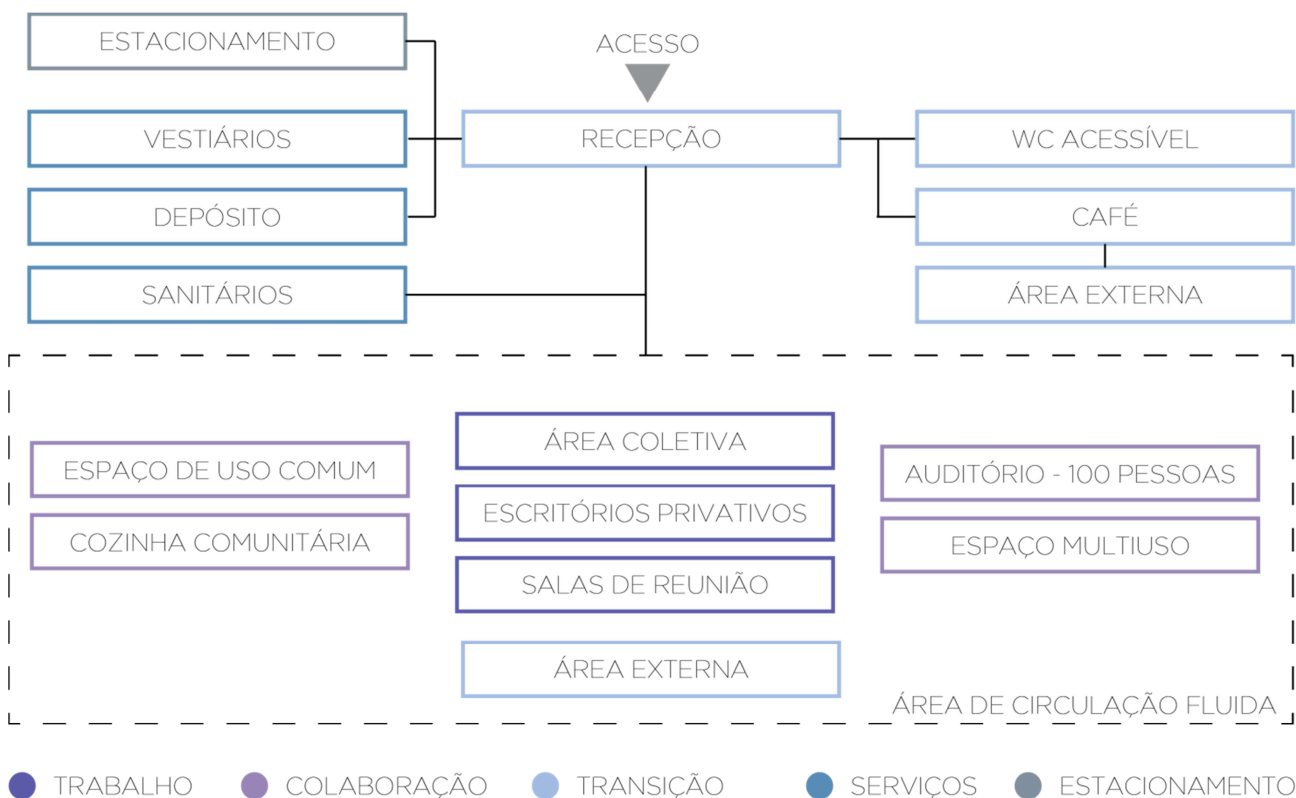
QUADRO 3 – PROGRAMA DE NECESSIDADES COM PRÉ-DIMENSIONAMENTO.

SETOR	ESPAÇO	ÁREA	TOTAL POR SETOR
TRANSIÇÃO	RECEPÇÃO	30m ²	105m ²
	WC ACESSÍVEL	5m ²	
	CAFÉ	70m ²	
	ÁREAS EXTERNAS	-	
COLABORAÇÃO	COZINHA COMUNITÁRIA	50m ²	500m ²
	ESPAÇOS DE USO COMUM	250m ²	
	ESPAÇO MULTIUSO	80m ²	
	AUDITÓRIO - 100 PESSOAS	120m ²	
TRABALHO	ÁREA COLETIVA	400m ²	590m ²
	ESCRITÓRIOS PRIVATIVOS	100m ²	
	SALAS DE REUNIÃO	90m ²	
SERVIÇOS	SANITÁRIOS	80m ²	115m ²
	VESTIÁRIOS	15m ²	
	DEPÓSITO	20m ²	
ESTACIONAMENTO	12 VAGAS	300m ²	300m ²
		SUBTOTAL	1610m ²
CIRCULAÇÃO	10% DA ÁREA SUBTOTAL	161m ²	161m ²
		TOTAL	1771m ²

FONTE: AUTORA (2017).

Elaborou-se também um organograma para analisar as conexões entre as áreas (FIGURA 59) . Através dele foi possível perceber que existem ligações que podem ser facilmente definidas, enquanto outras são mais tênues e ocorrem entre múltiplas áreas. As delimitações mais fixas são as em relação ao acesso e serviços; já as do programa do *coworking* em si são bem fluidas.

FIGURA 59 – ORGANOGrama.



FONTE: AUTORA (2017).

5.3 ASPECTOS FORMAIS

O edifício buscará apresentar um caráter contemporâneo e contribuir positivamente para o entorno em que será inserido, sem competir ou contrastar de forma extrema com as construções vizinhas.

Serão empregados materiais em um estado mais natural, assim aproveitando a estética das cores e texturas originais, por exemplo: madeira, concreto aparente e tijolo. O vidro será utilizado pela sua transparência para criar integração e conexão entre os ambientes e expor as atividades e dinâmica do edifício de *coworking* para a comunidade. A fachada também terá um estilo mais irreverente buscando trazer esse caráter inovativo do *coworking* ao exterior (FIGURA 63).

Outra característica principal será o uso de cores de forma a criar uma identidade visual, dinamizar e trazer mais vida ao ambiente de trabalho. Algumas referências são o Yuanyang Express We+ já apresentado no capítulo 3, a escada do espaço de *coworking* WeWork Weihai Lu (FIGURA 64) e as instalações elétricas do Hubba-to (FIGURA 65).

O uso de mezaninos e pé-direitos duplos contribuirá com a dispersão da luz natural e conexão visual entre os espaços, como visto no estudo do Nex Coworking e na Figura 66. Estas características também permitem um jogo de volumes interessante na composição formal e nas fachadas, de modo similar ao tratamento do Edifício Corujas.

FIGURA 60 – FACHADA DO UTOPIC_US.



FONTE: ARCHDAILY (2016).

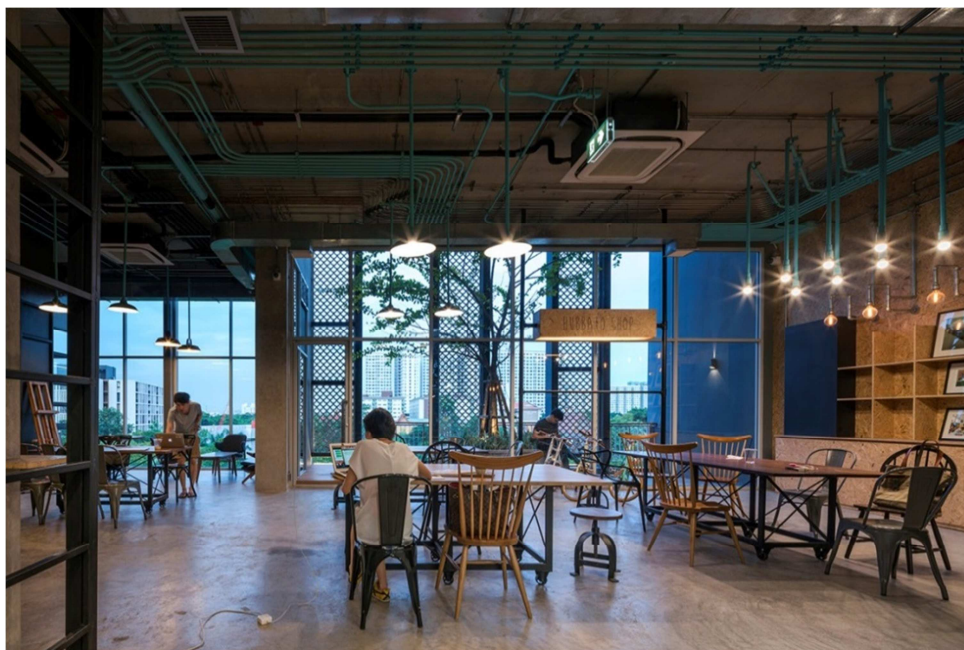
FIGURA 61 – ESCADA DO WEWORK WEIHAI LU.



FONTE: ARCHDAILY (2017).

Nota: uso de cor nos elementos estruturais.

FIGURA 62 – LOJA DO HUBBA-TO.



FONTE: ARCHDAILY (2017).
Nota: uso de cor nas instalações elétricas.

FIGURA 63 – ESPAÇO COLETIVO DO DESKOPOLITAN.



FONTE: ARCHDAILY (2017).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da fundamentação teórica desenvolvida no presente trabalho, foi possível compreender a complexidade dos valores intrínsecos ao *coworking* e como eles podem ser transmitidos para o espaço físico.

Através da análise de correlatos e referências contemporâneas, encontrou-se exemplos e soluções para o desenvolvimento de diretrizes projetuais, propondo uma resposta mais coerente ao tema de edifício de *coworking*. A interpretação da realidade curitibana e a escolha do terreno também são questões fundamentais para a qualidade do projeto.

Acredita-se que o objetivo de adquirir o embasamento teórico necessário e estabelecer bases fundamentais para o desenvolvimento da proposta de um edifício de *coworking* na cidade de Curitiba-PR foi alcançado. Portanto, será possível elaborar uma solução arquitetônica adequada que promova a integração e a colaboração entre seus usuários e reafirmando os valores do *coworking*.

REFERÊNCIAS

Archdaily. **Edifício Corujas; Planta do Térro; Fachada noroeste.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/787289/edificio-corujas-fgmf-arquitetos>> Acesso em: 30 mai 2017.

Archdaily. **Escada do WeWork Weihai Lu.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com/805112/wework-weihai-lu-linehouse>> Acesso em: 04 jun 2017.

Archdaily. **Espaço coletivo do Deskopolitan.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com/868800/deskopolitan-moreysmith/>> Acesso em: 06 jun 2017.

Archdaily. **Espaços para coworkers e área de convivência; Sala de reunião e área de convivência; Escada que conecta o térreo ao subsolo; Área de convivência, arquibancada e espaço para coworkers ao fundo.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com/779238/yuanyang-express-we-plus-co-working-space-mat-office>> Acesso em: 02 jun 2017.

Archdaily. **Fachada do Utopic_US.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com/794909/co-working-utopic-us-conde-de-casal-izaskun-chinchilla-architects>> Acesso em: 06 jun 2017.

Archdaily. **Loja do Hubba-to.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/804267/hubba-to-supermachine-studio>> Acesso em: 06 jun 2017.

BUTLER, K. **Practical Values: Works Well With Others.** Mother Jones, 2008. Não p. Disponível em: <<http://www.motherjones.com/politics/2008/01/practical-values-works-well-others/>> Acesso em: 10 abr 2017.

CAFEZEIRO, M. H. A. **Debate histórico sobre a (r) evolução do trabalho humano:** da subsistência ao trabalho flexível. Salvador: UNIFACS, [2003?].

CAGNOL, R. **A Brief History Of The Office.** Deskmag, 2013. 3 p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/a-brief-history-of-the-workspace-coworking-Chicago-Architecture>> Acesso em: 8 mai 2017.

CASHMAN, A. **The nature and potential of the collaborative economy.** Deskmag, 2012. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/the-nature-and-potential-of-the-collaborative-economy>> Acesso em: 2 mai 2017.

CENSO COWORKING BRASIL 2016. Disponível em: <https://coworkingbrasil.org/censo/> Acesso em: 10 mai 2017.

Coworking Brasil. **Nex Coworking.** Disponível em: <<https://coworkingbrasil.org/spaces/nex-coworking-curitiba/>> Acesso em: 25 mai 2017.

CURITIBA. **Decreto n. 582, de 14 de dezembro de 1990: Normas para estacionamento ou garagem de veículos.** Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/decreto/1990/58/582/decreto-n-582-1990-estabelece-normas-para-estacionamento-ou-garagem-de-veiculos-1990-12-14.html>>. Acesso em: 06 jun 2017.

Deskmag. **Infográfico sobre a procura entre 2011 e 2012 e a partir de 2012.** Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/where-is-coworking-a-hot-search-topic-google-seo-539>> Acesso em: 30 mai 2017.

Deskmag. **Quadro do espaço de coworking Mutinerie.** Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/a-typology-framework-of-needs-for-coworking-spaces-586>> Acesso em: 16 mai 2017.

Dezeen. **Área coletiva do WeWork Weihai Lu.** Disponível em: <<https://www.dezeen.com/2017/02/09/co-working-office-wework-whimsical-china-flagship-former-opium-factory-interior/>> Acesso em: 04 jun 2017.

Dezeen. **Centraal Beheer de Herman Hertzberger.** Disponível em: <<https://www.dezeen.com/2011/12/06/key-projects-by-herman-hertzberger/>> Acesso em: 10 mai 2017.

DUFFY, F. **The New Office.** Londres: Conran Octopus, 1997.

EGAN, D. **The growth of the hybrid coworking space.** Deskmag, 2013. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/hybrid-coworking-space-design-the-hub-clubworkspace-london-697>> Acesso em: 2 mai 2017.

FAYARD, A; WEEKS, J. **Who moved my cube?** Harvard Business Review, 2011. Não p. Disponível em: <<https://hbr.org/2011/07/who-moved-my-cube>> Acesso em: 14 mai 2017.

FOERTSCH, C. **The Coworker's Profile.** Deskmag, 2011a. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/the-coworkers-global-coworking-survey-168>> Acesso em: 8 mai 2017.

FOERTSCH, C. **What Coworkers Want.** Deskmag, 2011b. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/what-coworking-spaces-coworkers-want-165>> Acesso em: 8 mai 2017.

FOERTSCH, C. **The different strenghts of small and big coworking spaces.** Deskmag, 2011c. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/the-strength-of-small-and-big-coworking-spaces-205>> Acesso em: 8 mai 2017.

FOERTSCH, C. **The future of coworking**. Deskmag, 2011d. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/the-future-of-coworking-and-its-spaces-155>> Acesso em: 2 mai 2017.

FOERTSCH, C. **The cultural background of coworking**. Deskmag, 2011e. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/what-is-coworking-about-the-changing-labor-market-208>> Acesso em: 3 mai 2017.

FOERTSCH, C. **The members of coworking spaces**. Deskmag, 2012a. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/the-members-of-coworking-spaces-survey-203>> Acesso em: 8 mai 2017.

FOERTSCH, C. **Advantages of coworking spaces over other offices**. Deskmag, 2012b. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/advantages-of-coworking-spaces-over-traditional-and-home-offices-581>> Acesso em: 8 mai 2017.

FOERTSCH, C.; CAGNOL, R. **The History Of Coworking In A Timeline**. Deskmag, 2013. 2p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/the-history-of-coworking-spaces-in-a-timeline>> Acesso em: 2 mai 2017.

FREDERICK, B. **What's old is new in office design**. RCHStudios, 2014. Não p. Disponível em: <<http://www.rchstudios.com/old-is-new-office-design/>> Acesso em: 8 mai 2017.

GRANOVETTER, M. S. **The Strength of Weak Ties**. American Journal of Sociology, Chicago, Maio 1973. Volume 78, Edição 6, p. 1360-1380. Disponível em: <https://sociology.stanford.edu/sites/default/files/publications/the_strength_of_weak_ties_and_exch_w-gans.pdf> Acesso em: 8 mai 2017.

Leonetti Piemonte Arquitetura. **Net'N'Nest: Citizen Office da Vitra**. Disponível em: <<http://leonettipiemonte.arq.br/site/?p=1316>> Acesso em: 16 mai 2017.

MARSHALL, F. A.; WITMAN, J. M. **Humantics: The Science and Design of Sustainable Collaboration**. Filadélfia: The University of the Arts, 2010.

Mat Office. **Perspectiva da entrada; Área comercial e mesas de trabalho individual; Cabines e mesa coletiva ao fundo; Sala de reunião, área de convivência e espaço para coworkers ao fundo**. Disponível em: <<http://www.matoffice.com/project/beijing-yuanyang-we-co-working-space/>> Acesso em: 02 jun 2017.

Nex Coworking. **Cozinha comunitária**. Disponível em: <<http://nexcoworking.com.br>> Acesso em: 29 mai 2017.

ORLANDI, D. **Coworking in Brazil**. Deskmag, 2013. 2p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/coworking-spaces-in-brazil-sao-paulo-812>> Acesso em: 10 mai 2017.

POHLER, N. **Coworking 101: A new definition**. Deskmag, 2011. Não p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/coworking-spaces-101-a-new-definition>> Acesso em: 30 abr 2017.

REMMELE, M. **Why the office is what it is**. Stylepark, 2012. Não p. Disponível em: <<https://www.stylepark.com/en/news/why-the-office-is-what-it-is>> Acesso em: 14 mai 2017.

RUS, A.; OREL, M. **Coworking: A community of work**. Teorija in praksa, 2015. Let. 52, 6/2015. p. 1017-1038. Disponível em: <https://www.academia.edu/20097931/Coworking_A_community_of_work> Acesso em: 5 mai 2017.

Stylepark. **Interior de escritório no estilo paisagem**. Disponível em: <<https://www.stylepark.com/en/news/how-the-office-became-what-it-is-today>> Acesso em: 05 mai 2017.

SUNDSTROM, E. **Work places**. The psychology of the physical environment in offices and factories. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

VAN DEN BROEK, W. **A typology of needs for coworking spaces**. Deskmag, 2012. 4p. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/a-typology-framework-of-needs-for-coworking-spaces-586>> Acesso em: 14 mai 2017.

WATERS-LYNCH J. Et al. **Coworking: A Transdisciplinary Overview**. 2016. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=2712217>> Acesso em: 8 mai 2017.